

CLÁUDIO JÚNIO PATRÍCIO

**A VIOLÊNCIA POR TRÁS DA “BRINCADEIRA”: um estudo
quantitativo sobre o *bullying* entre estudantes de Belo Horizonte**

BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

2013

CLÁUDIO JÚNIO PATRÍCIO

A VIOLÊNCIA POR TRÁS DA “BRINCADEIRA”: um estudo
quantitativo sobre o *bullying* entre estudantes de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção de título de mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência.

Orientador: Paulo Roberto Ceccarelli

BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

2013

Patrício, Cláudio Júnio.

P314v A violência por trás da "brincadeira" [manuscrito]: um estudo quantitativo sobre o bullying entre estudantes de Belo Horizonte. / Cláudio Júnio Patrício. -- Belo Horizonte: 2013.

82f.: il.

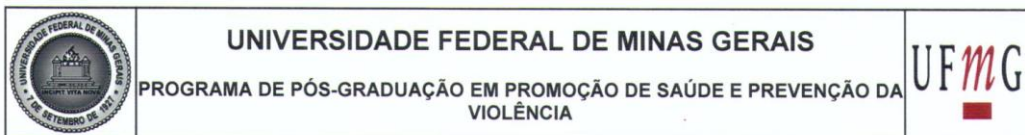
Orientador: Paulo Roberto Ceccarelli.

Área de concentração: Promoção de Saúde e Prevenção da Violência. Dissertação (mestrado); Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Bullying. 2. Violência. 3. Comportamento do Adolescente. 4. Estudantes. 5. Pós-Modernismo. 6. Instituições Acadêmicas. 7. Dissertações Acadêmicas. I. Ceccarelli, Paulo Roberto. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. III. Título.

NLM: WS 350.8

CLÁUDIO JÚNIO PATRÍCIO



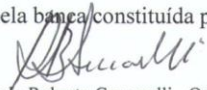
FOLHA DE APROVAÇÃO

A VIOLÊNCIA POR TRÁS DA “BRINCADEIRA”: um estudo quantitativo sobre o bullying entre estudantes de Belo Horizonte

CLAUDIO JUNIO PATRICIO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, área de concentração PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA.

Aprovada em 21 de junho de 2013, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Paulo Roberto Ceccarelli - Orientador
UFMG


Prof(a). Elza Machado de Melo
UFMG


Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha Grillo
UFMG

Belo Horizonte, 21 de junho de 2013.

Dedico este trabalho a todos os que já choraram por ser diferente.

Dedico este trabalho aos que já fizeram chorar por não aceitar os que eram diferentes.

Dedico este trabalho aos que já morreram por ser diferente.

Dedico este trabalho aos que tentam anular as diferenças.

Dedico este trabalho a diferença...

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o ato de reconhecer de que não se caminhou sozinho. Agradeço aos meus mestres que desde a tenra idade tentaram extrair o melhor de mim. Agradeço a minha mãe por ter me dado todas as bases para que eu pudesse ser quem sou hoje. Agradeço aos meus amigos pelos momentos de descontração e de discussões filosóficas. Agradeço à minha amiga Nayana Shimaru por ter me convencido a participar do processo seletivo para o mestrado faltando poucos dias para o fim das inscrições. Agradeço ao meu orientador Paulo Roberto Ceccarelli pelo carinho, atenção e ensinamentos que sempre me transmitiu. Agradeço a tudo e a todos que de forma direta ou indireta me ajudaram a ser o que sou e estar onde estou.

“Se soubesse que o mundo se desintegraria amanhã, ainda assim plantaria a minha macieira. O que me assusta não é a violência de poucos, mas a omissão de muitos. Temos aprendido a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas não aprendemos a sensível arte de viver como irmãos.” MARTIN LUTHER KING

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar os aspectos relacionados com a prática do *bullying* entre estudantes de escolas públicas e privadas em Belo Horizonte. Os dados para esta análise foram extraídos da pesquisa transversal *Investigação dos Riscos de Saúde em Adolescentes de Belo Horizonte e seus Determinantes* realizada entre 2009 e 2012 pelo Núcleo- Promoção de Saúde e Paz do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. A amostra (n=1216) foi representativa da população adolescente de Belo Horizonte e calculada com 95% de confiança, controlando-se o erro tipo II em 5%. Os resultados apontaram que: o *bullying* é mais frequente em escolas particulares do que nas escolas estaduais e municipais; meninos e meninas são vítimas igualmente; o *bullying* é encarado como uma forma de diversão pelos agressores; a principal forma da prática do *bullying* é colocar apelido e/ou expor ao ridículo. O estudo concluiu que, por trás de uma suposta brincadeira, a prática de intimidação entre pares carrega consigo uma intensa violência simbólica e psicológica. Essas violências não são tão visíveis quanto à física e isso faz com que a identificação e o combate ao *bullying* se tornem mais complicados.

Palavras-chave: *Bullying*; Violência simbólica. Violência psicológica. Pós-modernidade. Instituição escolar.

ABSTRAT

The present study aims to analyze aspects related to bullying among students in public and private schools in Belo Horizonte. Data for this analysis were drawn from cross-sectional survey of Health Risks Research Teens in Belo Horizonte and its Determinants held between 2009 and 2012 by the Center - Health Promotion and Peace Department of Social and Preventive Medicine, Faculty of Medicine, Federal University Minas Gerais. The sample (n = 1216) was representative of the adolescent population of Belo Horizonte and calculated with 95 % confidence, controlling for the type II error of 5%. The results showed that : bullying is more common in private schools than in state and municipal schools , boys and girls are also victims , bullying is seen as a form of entertainment by the aggressors , the main form of bullying is to put nickname and / or exposed to ridicule. The study concluded that, behind a supposed joke, the practice of bullying between peers carries a strong symbolic and psychological violence. These violences are not as visible as physical and this makes identifying and combating bullying become more complicated.

Keywords: Bullying. Symbolic violence. Psychological violence. Postmodernity. The school.

Sumário

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 Justificativa | 12 |
| 1.2 Objetivo Geral | 14 |
| 1.3 Objetivos específicos..... | 14 |
| 2. REFERÊNCIAL TEÓRICO | 15 |
| 2.1 <i>Adolescência e Psicanálise</i> | 16 |
| 2.2 Escola e Violência..... | 17 |
| 2.3 Bullying..... | 20 |
| 2.3.1 <i>Definição de bullying</i> | 20 |
| 2.3.2 <i>Quem são as vítimas e os agressores?</i> | 22 |
| 2.3.3 <i>Questões acerca das pesquisas sobre bullying</i> | 23 |
| 2.3.4 <i>Causas e explicações para o fenômeno do bullying</i> | 28 |
| 3. METODOLOGIA..... | 31 |
| 3.1 Instrumento utilizado..... | 32 |
| 3.2 <i>Procedimentos de coleta de dados</i> | 32 |
| 4. RESULTADOS | 32 |
| 4.1 Perfil geral da amostra pesquisada | 33 |
| 4.2 Visão geral sobre a ocorrência de intimidação entre pares/ <i>bullying</i> | 35 |
| 4.3 Perfil das vítimas | 39 |
| 5. DISCUSSÃO..... | 47 |
| 6. CONCLUSÃO | 52 |
| REFERÊNCIAS | 53 |
| ANEXO A - Questionário | 56 |
| ANEXO B- Ata de defesa | 64 |
| APÊNDICE- Artigo publicado..... | 65 |

1. INTRODUÇÃO

A violência é um mal que assola a humanidade, possivelmente, desde a sua origem. Diferentemente de outros animais, o ser humano é o único ser que ataca e destrói os seus semelhantes sem ter por objetivo, a priori, a sobrevivência. Seu caráter democrático, afinal, ninguém está imune aos seus efeitos diretos ou indiretos, faz com que ela seja um dos grandes enigmas para todas as esferas do conhecimento, não se estabelecendo uma conceituação única e universal para com ela.

De origem latina, a palavra violência vem do vocábulo *vis* que significa força e se refere às noções de constrangimento e do uso da superioridade física sobre outros com o intuito de se conseguir algo (MINAYO, 2005). Muitas vezes há uma dificuldade em conceituar a violência pelo fato dela ser um fenômeno da ordem do vivido e que as manifestações ocasionam uma forte descarga emocional a quem sofre, quem comete e quem presencia tal ato.

Chenais (1981, apud MINAYO, 2005) coloca a violência no plural e a subdivide em três categorias: violência física, econômica e moral-simbólica. A violência física é aquela que atinge a integridade corporal do sujeito e que na contemporaneidade é caracterizada pelos homicídios, pelas agressões, violações, roubo a mão armada, entre outros. A violência econômica consiste na apropriação e desrespeito, contra a vontade dos donos ou de forma agressiva, de algo da sua propriedade e/ou bens. E finalmente temos a violência moral e simbólica que é aquela que trata da dominação, ofendendo a dignidade e desrespeitando a dignidade do outro.

A violência está presente em todas as esferas da sociedade, inclusive no ambiente escolar. De acordo com Junqueira (2009) a escola não apenas transmite ou constrói conhecimento, ela também reproduz papéis sociais, perpetuando padrões sociais, concepções, valores, fabricando sujeitos, legitimando relações de poder e hierarquizando relações de gênero. Segundo Louro (2001) a escola além de transmitir conhecimento, ela também *fabrica*

sujeitos. Ela produz identidades étnicas, de gênero, de classe... A escola devido ao seu papel padronizador, normalizador e disciplinador tende muitas vezes a evitar que diferenças sejam acentuadas e vivenciadas pelos seus alunos e até mesmo pelo corpo docente. Foucault em *Vigiar e Punir* (1987) mostra como a disciplina dos corpos é um dos meios para se “fabricar” indivíduos:

“A disciplina “fabrica” indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante (...); é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de economia calculada, mas permanente. Humildes, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos de Estado (p.153).”

Se por um lado, tal atitude de padronizar e normalizar os sujeitos tem por objetivo evitar discriminações, objetivo este muitas vezes não alcançado, por outro, evita que os sujeitos vivenciam e sejam respeitados pelas suas singularidades. Uma das consequências desta tendência normalizadora vivenciada no ambiente escolar é o assédio que aqueles que não seguem a “norma” tendem a sofrer por aqueles que seguem. Tal assédio, muitas vezes, pode culminar numa violência que comumente vem sendo denominada de *bullying*.

Bullying é um termo de origem inglesa advinda da palavra *bully* (valentão, briguento) que até o momento não possui uma tradução coerente para a língua portuguesa. O termo começou a ser utilizado em pesquisas norueguesas a partir da década de 70 e hoje já é utilizado por dezenas de países (ANTUNES; ZUIN, 2008), inclusive pelo Brasil. Por *bullying* compreende-se uma ação intencional e repetida de intimidação, opressão, xingamento, chacota, agressões físicas e/ou verbais; sem motivações aparentes, causada por um ou mais estudante e que causa dor, angustia, exclusão, humilhação e discriminação a quem é vítima de tal ato (MALTA *et al*, 2010). O *bullying* é marcado por uma disparidade assimétrica de poder entre vítima e o agressor. Tendo este quase sempre vantagem física e numérica sobre aquele. Segundo Lopes Neto (2005, apud ANTUNES; ZUIN, 2008) os autores de *bullying* têm, em sua maioria, dois objetivos: a demonstração de poder e a obtenção de afiliação a outros colegas.

A vítima do *bullying* tende a ser alguém que não se enquadra em algum aspecto ao que se convencionou como normal. Por isso, as vítimas, muitas vezes, ou são gordas ou magras demais; altas ou baixas em demasia; feias ou bonitas; apresentam alguma extremidade (nariz ou orelha, por exemplo) desproporcional; são negras ou orientais ou ruivas, além de outros fatores que podem variar de contexto para contexto (SHARIFF, 2011).

O fenômeno do bullying, assim denominado, é algo relativamente recente apesar de relatos de perseguições entre alunos datar dos primórdios da escola. O fenômeno sempre existiu, mas apenas atualmente ele se configurou como algo de relevância para os pesquisadores e para a sociedade. Quais foram os elementos que propiciaram que tal atitude entre alunos deixasse de ser considerada apenas uma brincadeira para ser considerada uma violência?

A escola, ambiente primordial da prática do *bullying*, gradativamente, vem perdendo a sua função inicial, que era de ser um lugar de educação, educação esta no sentido de formar cidadãos. A educação tornou-se mais um produto a ser comercializado pelo capitalismo. A concorrência e as leis do mercado fizeram com que a escola deixasse de ser o lugar do ensino cidadão, ou seja, de acesso a todos, do entendimento e aceitação da diversidade, para se transformar em uma versão do consumo. O conhecimento cada vez mais vem se transformando num bem de consumo comercializado pela economia capitalista. Pode-se tê-lo quem puder pagar, cada vez mais e mais caro, por ele. Assim, podemos pensar que as escolas tornaram-se cúmplices de um modelo segregador pautado pelos valores capitalistas. A escola, tanto particular quanto a pública, estaria regida pelas leis do mercado capitalista, leis estas rígidas e inflexíveis, onde apenas o mais forte pode e deve sobreviver.

Podemos pensar que a redução da função social da escola de formar cidadãos capazes de analisar criticamente e modificar a sociedade se deve, em partes, ao início do declínio do patriarcado. O patriarcado começou o seu declive quando a figura paterna deixou de ser a referência única e exclusiva do ambiente familiar. O pai dominador foi dando espaço a uma paternidade mais ética, não tão hierarquizada (CECCARELLI, 2010). O poder paterno diminuiu e com ele outros poderes, como por exemplo, o poder da escola sobre os alunos. E com esta perda de poder ela foi deixando de ser um espaço de referência, de ética.

O conhecimento historicamente é um instrumento de poder, entretanto, quem decide o que é e o que não é conhecimento? Quem detém tal controle tem o poder (CECCARELLI,

2010). Este controle que um dia já esteve nas mãos da Igreja hoje se encontra sob o domínio da Ciência. Esta Ciência é realizada e legitimada quase que exclusivamente por um grupo composto por homens, brancos, heterossexuais, magros, pertencentes das classes mais altas da sociedade e de religião de católica. Este é o modelo de sucesso pregado pelo capitalismo e qualquer um que não se encaixe neste padrão tende a não ter o devido reconhecimento e ser alvo de retaliações e preconceitos.

As vítimas de *bullying*, a princípio são escolhidas de forma aleatória pelos seus agressores, mas os resultados das pesquisas mostram que há certo padrão nelas (SHARIFF, 2011). Elas tendem a ser de uma raça-etnia minoritária, são tímidas e consideradas fracas, apresentam uma sexualidade tida como desviante da normalidade e tendem a ser de religiões não católicas. As vítimas, quase sempre, são os sujeitos que de alguma forma fogem do padrão de normalidade e, conseqüentemente, do modelo de sucesso, preestabelecido pela sociedade capitalista. Assim, poderíamos pensar o *bullying* como uma violência em defesa de uma normalidade e de um poder? Os agressores utilizariam as agressões e as humilhações frequentes e sistemáticas como uma forma de demonstrar àquela pessoa de que ela não pertence àquele grupo e, portanto, deve-se retirar dele.

O diferente, o estranho, o que foge a normalidade sempre é visto com desconfiança e receio. Lidar com as diferenças e com os diferentes é ter que lidar com a possibilidade de mudança. E qualquer mudança é complicada e difícil. Newton já nos dizia com a sua lei da inércia de que um corpo tende a manter o seu movimento a não ser que uma força contrária lhe seja aplicada. Fazendo um contraponto, podemos pensar no *bullying* como um movimento inconsciente que quer impedir que a sociedade alterasse o seu movimento contínuo. Assim, figuras que modificariam o *status quor* da sociedade (todos aqueles que não se configuram no padrão de “normalidade”) teriam de ser combatidos, para não dizer, eliminados.

1.1 Justificativa

Em 2009, o Ministério da Saúde em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou uma pesquisa para avaliar as condições de saúde da população escolar brasileira. Tal pesquisa foi denominada de Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). O PeNSE investigou diversos fatores de risco e proteção à saúde do adolescente, junto aos escolares do 9º ano(antiga 8ª série) do ensino fundamental das 26 capitais e do

Distrito Federal (PeNSE,2009, p. 13). Ao todo foram pesquisadas 6780 escolas públicas e privadas.

De acordo com os dados do PeNSE o Brasil tinha 17,5 milhões de adolescentes na faixa etária entre 10 e 14 anos em 2008, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios; e 17,0 milhões na faixa dos 15 a 19 anos. A grande maioria destes adolescentes frequentava a escola, no caso 97,9% na faixa etária de 10 a 14 anos. Segundo a pesquisa *Impacto da violência na saúde dos brasileiros* (BRASIL, 2005b) são os adolescentes e jovens os que mais morrem por agressão e também são os mais apontados como autores de agressões no Brasil e na América Latina em geral. Tal constatação comprova a vulnerabilidade dos adolescentes e jovens frente à violência. Vulnerabilidade está relacionada com a capacidade do indivíduo ou grupo social de decidir sobre sua situação de risco, estando diretamente associada a fatores individuais, familiares, culturais, sociais, políticos, econômicos e biológicos (BRASIL, 2005, p.9).

Dentre as questões para verificar os aspectos da saúde dos adolescentes uma tinha como objetivo constatar a ocorrência do *bullying* nas escolas. Tal questão foi elaborada da seguinte forma: “Nos últimos 30 dias, com que frequência algum dos seus colegas de escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado/incomodado/aborrecido?”. Do total de entrevistados 31,8% afirmaram terem sido vítimas de tal violência. Destes, 25,4 % disseram que sofriam raramente ou às vezes, e 5,4% dos entrevistados responderam que sofreram a maior parte das vezes ou sempre tal tipo de assédio (PeNSE 2009, p.41).

Das capitais pesquisadas o Distrito Federal apresentou os maiores casos de *bullying* com 35,6% entre os estudantes pesquisados. Belo Horizonte aparece logo em seguida com 35,3% de escolares que declararam ter sofrido este tipo de violência pelo menos uma vez nos últimos 30 dias (PeNSE, 2009, p.41).

Outra pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Proteção à Infância em 11 escolas do Rio de Janeiro revelou que 40,5 dos estudantes da 5ª a 8ª séries do ensino fundamental estavam envolvidos com a prática do *bullying*. 16,9% como alvos, 10,9% como alvos e autores e 12,7% como autores (BULLYING, 2004).

De acordo com Fante e Pedra (2008) o *bullying* pode mobilizar, dependendo da estrutura psíquica de cada vítima, ansiedade, tensão, medo, raiva, irritabilidade, dificuldade de

concentração, déficit de atenção, angústia, tristeza, desgosto, apatia, cansaço, insegurança, retraimento, sensação de abandono e de inferioridade, mágoa, oscilações do humor, desejo de vingança e pensamentos suicidas, depressão, fobias, hiperatividade, entre outros. E tudo isso acontece num período da vida já marcada por profundas transformações e conflitos, que é a adolescência.

Os resultados das pesquisas realizadas no país, principalmente a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar comprovaram a dimensão com que a violência sistemática entre pares vem ocorrendo nas nossas escolas. Em média um em cada quatro estudantes declarou ter sofrido tal agressão e este número torna-se ainda mais alarmante na capital mineira onde mais de um terço dos estudantes disseram sofrer *bullying*. A compreensão dos mecanismos de tal fenômeno torna-se de vital importância no atual contexto, pois alguns fatos tais como: o abandono da escola, o baixo rendimento da aprendizagem, suicídio, e reações violentas de estudantes que promovem extermínio em massa de outros estudantes, como se viu nos EUA e mais recentemente também no Brasil, podem estar diretamente relacionados com o *bullying* (BRASIL, 2005).

O *bullying* é um fenômeno silencioso e invisível que aos poucos vem se mostrando altamente perigoso para aqueles que dele são vítimas. Por ser um fenômeno particularmente recorrente do ambiente escolar, ambiente este fundamental para o desenvolvimento psíquico e moral dos sujeitos, a compreensão dos seus motivos e das suas consequências tornam-se de vital importância para que sejam efetuadas medidas capazes de combatê-lo e preveni-lo de forma eficiente e eficaz.

1.2 Objetivo Geral

Analisar a prática do *bullying* entre estudantes de escolas públicas e privadas em Belo Horizonte.

1.3 Objetivos específicos

- a) Identificar os perfis dos agressores e das vítimas de intimidação entre pares no ambiente escolar.
- b) Comparar as interpretações sobre as intimidações entre pares entre os sujeitos envolvidos.
- c) Identificar os modos de manifestação do *bullying* no ambiente escolar.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

A palavra adolescência tem como origem etimológica as palavras do latim “*ad*” e “*olescere*”. *Ad* significa “para” e *olescere* “crescer”, assim, em seu sentido literal, adolescência significaria ‘crescer para’ (PEREIRA, 2004). Adolescência também deriva de *adolescere*, origem da palavra adoecer. Adolescente do latim *adolescere*, significa adoecer, enfermar. Temos assim, nessa dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa da vida: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa da vida) (ALVES, 1995).

Para a Organização Mundial de Saúde a adolescência é caracterizada pelo período da segunda década de vida (de 10 a 19 anos); e considera juventude como variando dos 15 aos 24 anos. Assim, de acordo com essa conceituação, podemos ter adolescentes jovens (de 15 a 19 anos) e jovens adultos (19 a 24 anos) (BRASIL, 2005).

Diferentemente da OMS, a lei brasileira baseada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (*Lei n.º 8.069, de 13/7/1990*) define como adolescente os indivíduos de doze a dezoito anos.

Art. 2.º Considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um ano de idade. (*Estatuto da Criança e do Adolescente, 2008*).

De acordo com Bock (1999) o conceito de adolescência foi criado historicamente pelo homem, como representação e fato social e psicológico. Ela também é constituída como significado na cultura, na linguagem que permeia as relações sociais.

Fatos sociais surgem nas relações e os homens atribuem significados a esses fatos: definem, criam conceitos que representam esses fatos; são marcas corporais, são necessidades que surgem. São novas formas de vida decorrentes de condições econômicas, são condições fisiológicas, são descobertas científicas, são instrumentos que trazem novas habilidades e capacidades para o homem... Quando definimos a adolescência como isto ou aquilo, estamos constituindo significações (interpretando a realidade), a partir de realidades sociais, significações estas que serão referências para a constituição dos sujeitos. (p.4)

Ainda segundo Bock (1999) a adolescência estaria inserida no período de latência constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico e da necessidade de justificar o distanciamento do trabalho de um determinado grupo social.

Diferentemente da adolescência - fenômeno singular que sofre influências socioculturais que vão se concretizando por meio de reformulações constantes de caráter social, sexual e de gênero, ideológico e vocacional -, a puberdade é um parâmetro universal e que ocorre de modo semelhante a quase todos os indivíduos (BRASIL, 2005).

2.1 Adolescência e Psicanálise

Diferentemente da Psicologia, não faz sentido para a Psicanálise falar em fases da vida que começam na infância e terminam na fase adulta, pois o infantil está presente no adulto. Freud, o criador da teoria psicanalítica, não trata, especificamente, de adolescência em sua obra, até porque este era um conceito pouco desenvolvido na sua época. Entretanto, ele escreveu sobre a puberdade. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1901-1905) Freud divide a sexualidade em dois tempos. Ela surge na primeira infância, tem um período de latência e reaparece com a puberdade. Na puberdade o sujeito tem que renunciar aos pais como objetos sexuais em detrimento de um novo alvo sexual. A pulsão sexual coloca-se, neste momento, a serviço da função reprodutora.

Na contemporaneidade, estudiosos já vem teorizando acerca da adolescência para a psicanálise. Dantas (2002) acredita que o período compreendido pela adolescência é um tempo de revivência e ressignificação edípica. Um momento de deixar para trás a criança idealizada pelos pais. Uma época de desinvestimentos e reinvestimentos, de busca de uma identidade sexual. Por estes motivos, é uma época marcada por constantes crises, ressignificações e elaborações.

Para Maria Rita Kehl (2000) a adolescência é o período das grandes formações fraternas. Segundo ela, o grupo funciona para o adolescente como uma garantia de reconhecimento dos traços identificatórios, dos quais o sujeito que sai da infância não se sente assegurado. Desta forma, os grupos de jovens podem ajudar uns aos outros no processo de desidealização das figuras paternas, ao mesmo tempo em que pode dar suporte a uma nova realidade, que se desfigura para o adolescente a partir do próprio corpo (DANTAS, 2002).

Rassial (1997) é um dos autores que nos ajuda a pensar a adolescência como um conceito psicanalítico. Para ele:

(...) o conceito de adolescência tem somente validade, além de sua definição como noção de período de afecção imaginária do Eu, sob o efeito deste golpe do real que seria a puberdade, se pode isolar um momento lógico de efetuação de uma operação simbólica, com um peso tal que a estrutura subjetiva, além da imagem egóica, seja posta em causa por seu efeito ou por sua ausência, ou ainda, por suspensão (p.187).

2.2 Escola e Violência

A escola, assim como a família, é o principal espaço de socialização e transmissão de conhecimento para crianças e adolescentes. O Brasil já alcançou quase a universalização do ensino básico e fundamental em seus municípios, assim, a grande maioria das crianças e adolescente de zero a quatorze anos frequenta os bancos escolares. A escola pode ser considerada uma das grandes responsáveis pela consolidação e manutenção de certos padrões encontrados na sociedade, em geral. De acordo com Junqueira (2009) a escola não apenas constrói ou transmite um conhecimento, ela o faz reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções e valores. Ela também fabricaria sujeitos (seus corpos e identidades), legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulações.

Foucault em *Vigiar e punir: Nascimento da prisão (1987)* considera a escola um observatório político, um local de observação. O autor acredita que é por meio da vigilância e do conhecimento que se pode ter do comportamento dos alunos, pode-se ter o controle de todos os sujeitos, delimitando-se dessa forma todos os desvios, todas as habilidades dos alunos. Desta forma, a escola também funcionaria como um aparelho que produz poder, uma vez que todas as pessoas participam de um sistema de observações recíprocas e hierarquizadas. Alunos, professores e funcionários ao mesmo tempo em que estão sendo fiscalizados também têm a tarefa de fiscalizar.

Ainda segundo Foucault (1987) os alunos são submetidos a uma pressão constante para que todos sigam um mesmo modelo e a partir desse modelo eles são obrigados à subordinação, à docilidade, a prática dos exercícios, dos deveres e de todas as partes da disciplina. O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. A escola visa utilizar exaustivamente o tempo do estudante impondo programas, ocupações determinadas, um ritmo

coletivo e obrigatório. Dessa forma nascem corpos treinados, exercitados, tornados alvos de novos mecanismos de poder, controle, vigilância e punição.

No espaço escolar estão presentes, de forma reduzida, todos os conflitos e tensões presentes na sociedade em geral. Com o avanço do capitalismo e as necessidades do mercado, cada vez mais a escola tem perdido uma de suas principais finalidades: a de formar cidadãos. Hoje em dia foca-se em demasia nas necessidades de se apreender os conhecimentos técnicos das disciplinas com o intuito de obter, em última instância, uma vaga numa universidade pública. Podemos pensar que vivemos uma época de adestramento dos corpos estudantis que são programados para reproduzir exatamente aquilo que foi aprendido. O aluno que “passar” de ano e obter um diploma, aprender já não é mais uma obrigação para ele. Cada vez mais o espaço para reflexão e a discussão têm diminuído nos ambientes escolares. A escola, que deveria ser um lugar de libertação, tem se mostrado cada vez mais um espaço de aprisionamento e alienação. Um espaço onde o subjetivo perde importância em detrimento do coletivo. Poderíamos pensar que a violência crescente nas escolas brasileira, e na de outros países, é um reflexo direto deste modelo de educação?

Charlot (2002) afirma que o fenômeno da violência na escola não é algo novo. Há relatos de explosões em escolas de segundo grau que culminaram em prisões já no século XIX. O que está acontecendo atualmente são casos mais graves de violência tais como: homicídios, estupros, agressões com armas, dentre outros. Outro agravante é que os sujeitos envolvidos com atos de violência têm se apresentado cada vez mais jovens. Em alguns casos, professores do maternal já relatam casos de violência em crianças de quatro anos de idade. A ideia de inocência atrelada à infância cada vez mais vem sendo questionada.

Conceituar violência tem se mostrando um grande desafio para os pesquisadores já que não há um consenso entre os teóricos. Abramovay (2002) afirma que o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do sujeito que fala (professor, diretor, aluno...), da idade, do sexo. Em decorrência disso, violência seria um conceito *ad hoc* devendo ser estabelecida de acordo com o lugar, o tempo e os atores que a examina. Assim, seriam os sujeitos pesquisados e não o pesquisador, a priori, que definiriam o que é violência.

Em seu estudo realizado para a UNESCO Abramovay (2002) entende o conceito de violência como sendo uma intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade

de outro(s) ou contra si mesmo. Compreendem-se de forma igual todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional.

Para Charlot (2002) é necessário definir os tipos de violência presentes na escola. Que são três: a violência *na* escola, a violência *à* escola e a violência *da* escola.

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do ambiente escolar, mas que não está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar. Por exemplo, um grupo que vai acertar contas com outro grupo dentro da escola. Já na violência *à* escola há uma relação direta com as atividades da instituição escolar. São os casos em que alunos provocam incêndios, batem em professores e funcionários. Esse tipo de violência visa atingir diretamente a instituição e aqueles que a representam. A violência muitas vezes está relacionada com a violência *da* escola, que é uma violência institucional simbólica e que está relacionada à instituição e os agentes pertencentes (CHARLOT, 2002). Uma das consequências diretas da violência institucional ou simbólica é o desprazer em aprender, a falta de sentido em permanecer tantos anos na escola aprendendo matérias e conteúdos alheios aos seus interesses.

Outra distinção que precisa ser feita é de violência, agressão e agressividade já que muitas vezes os termos são utilizados como sinônimo o que pode acarretar num prejuízo no entendimento do fenômeno em questão. Para Charlot (2002) a agressividade é uma disposição biopsíquica reacional diretamente ligada ao sentimento de frustração. A frustração, que é inevitável, já que não podemos viver exclusivamente em função do princípio do prazer, geraria angústia e agressividade no sujeito. A agressão (*agredire* é aproximar-se de alguém, atacá-lo) é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal. A violência é uma característica da agressão enfatizando o uso da força, do poder, da dominação (CHARLOT, 2002).

Estudiosos franceses (CARRA; SICOT, 1997 apud CHARLOT, 2002) fizeram uma distinção entre violência, transgressão e incivilidade que muito tem contribuído para a compreensão do fenômeno da violência escolar. De acordo com eles, violência é tudo aquilo que ataca a lei com o uso da força ou ameaça a usá-la. Assim, são consideradas violências os roubos, os crimes, as violências sexuais, os vandalismos. Já as transgressões são comportamentos contrários ao regulamento interno da instituição, mas que não são ilegais do ponto de vista da lei. Como exemplo, temos o absenteísmo, falta de respeito, etc. por último

temos a incivilidade que não contradiz a lei, nem o regimento interno da instituição, mas sim as regras da boa convivência. Nesse campo temos as desordens, empurrões, grosserias, uso de palavras ofensivas a professores, alunos, funcionários (CHARLOT, 2002). Para Laterman (2000) o termo ‘incivilidade’ refere-se às frequentes erupções de desordem e tem duas significações: a que se refere ao respeito nas relações pessoais e a que se refere à cidadania. Percebemos que cada vez mais atitudes classificadas como incivilidades estão sendo agregadas no quadro de transgressões pelas escolas.

2.3 Bullying

No Brasil os estudos sobre violência escolar, em geral, são bem recentes em comparação a outras sociedades. De acordo com Sposito (2001) a preocupação com a violência no ambiente escolar começou a partir da década de 1980 com ênfase na análise das depredações e danos físicos ao patrimônio escolar. Apenas posteriormente, no final da década de 1990 e início dos anos 2000, é que os primeiros estudos sobre as relações interpessoais agressivas envolvendo alunos, professores e outros agentes da comunidade escolar começaram a ser realizados.

A violência escolar é um assunto recorrente na literatura há bastante tempo, entretanto, um tipo específico de violência, o *bullying*, apenas recentemente despertou o interesse dos pesquisadores. Os primeiros estudos sobre o tema aconteceram nos finais dos anos setenta nos países escandinavos com estudos empíricos de Olweus. É deste mesmo autor o primeiro estudo que se tem conhecimento sobre bullying intitulado de *Agression in the schools: bullies and whipping boys* (1978). E é dele também o primeiro estudo que trouxe a palavra “bullying” no título *Bullying in schools: what we know and what we can do* (1993). Portanto, a maioria dos autores considera Olweus como o percussor dos estudos sobre assédios entre pares.

Vários sinônimos têm sido utilizados em português para fazer referência ao tema, visto que nenhuma palavra do nosso vocabulário consegue abarcar a totalidade do fenômeno. Dentre as palavras estão: maus tratos, vitimização, intimidação, agressividade e violência entre pares (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009).

2.3.1 Definição de bullying

O conceito de bullying tende a apresentar similaridade entre a maioria dos estudiosos do assunto. Antunes e Zuin (2008) definiram este tipo de violência, a partir da definição de

outros autores, como sendo um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, tais como chutar, empurrar, apelidar e excluir, que ocorrem entre colegas de uma mesma escola sem motivação evidente, tendo a repetição sua principal característica. Um grupo de alunos, ou um aluno com mais força, vitimiza outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender.

Para Olweus (1997) o bullying constitui-se em uma subcategoria de agressão ou comportamento agressivo, caracterizado pela repetitividade e assimetria de forças. É um comportamento persistente e agressivo com a intenção de causar danos físicos ou moral em um ou mais estudantes que são mais fracos e incapazes de se defenderem. A provocação é repetida e tem um caráter degradante e ofensivo. É intencional, não provocado pela vítima e pode ser considerado como uma forma de abuso, que pode ser tanto físico como psicológico.

As agressões desta violência podem tomar a forma de abuso físico com a utilização de socos, chutes, empurrões, pontapés, roubo ou dano aos pertences. As agressões podem ser verbais, com a utilização de apelidos, insultos, ofensas de cunho racistas, homofóbicas, de diferenças religiosas, econômico-sóciais, culturais, dentre outros. Podem também assumir uma forma mais indireta, como a exclusão social e/ou isolamento (BANDEIRA e HUTZ, 2010).

Com a democratização da internet os ataques virtuais com o objetivo de ofensa e de denegrir a honra tendem a acontecer com maior frequência. Este tipo de bullying tem sido referido como bullying eletrônico ou cyberbullying (BERGUER, 2007, apud BANDEIRA e HUTZ, 2010). Os ataques ocorrem através de mensagens instantâneas, web sites, redes sociais, salas de bate papo ou torpedos.

Para Malta *et al* (2010) o bullying refere-se a uma situação em que há relações assimétricas entre agente(s) e vítima (s), em que esta(s) apresenta dificuldade em se defender.

Alguns estudos utilizam o termo *vitimização* como um termo complementar ao fenômeno do *bullying*. O *bullying* e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento de situações de violência durante a infância e a adolescência. Segundo Neto (2005) o *bullying* é uma forma de poder interpessoal através da agressão. Já a vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de outra pessoa mais poderosa.

Às vezes confunde-se o assédio sexual com a prática do *bullying*, entretanto, os fenômenos são bem distintos. As principais diferenças são que no assédio não é necessário uma superioridade física e a coerção tem um objetivo claro, a vantagem sexual.

2.3.2 Quem são as vítimas e os agressores?

Estudos apontam que membros de grupos específicos são mais susceptíveis a serem vítimas de bullying do que outros. Antunes e Zuin (2008) citando diversos autores verificaram que grupos com características físicas, socioeconômicas, de etnia e orientação sexual, específicas são os principais alvos. Assim, grupos tais como: os ciganos, os artistas de circo, estrangeiros, alunos obesos ou acima do peso, os de baixa estatura, os homossexuais e os filhos de homossexuais, são, estatisticamente, mais alvo de seus colegas do que crianças e jovens que seguem o padrão de “normalidade”.

No cenário do bullying, isto é, o contexto no qual a violência acontece, estão presentes três tipos de sujeito: a vítima, o agressor e a testemunha, cada qual com uma função específica.

As vítimas muitas vezes são caracterizadas como sendo pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa autoestima, quietas e sem reação diante da agressividade sofrida (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009). Em geral, a vítima apresenta aspecto físico inferior ao agressor. Os meninos tendem a ser vítimas mais frequentemente do que as meninas. Fisher *et al.*(2010) apontou que nas escolas brasileiras 12% das vítimas são meninos. Este número já cai para 7% para as meninas.

As vítimas tendem a não reagir à agressão e nem relatar o ocorrido aos adultos. Tal comportamento pode se dar devido à ameaça dos agressores, a vergonha, ou até mesmo a descrença de que alguém possa solucionar a situação. O silenciamento frente à agressão acaba estimulando a repetição da violência à medida que preserva os agressores (FANTE e PEDRA, 2008).

Os agressores, assim como acontece com as vítimas, na maioria dos casos são meninos. Segundo Olweus (1993, apud MARTINS, 2009) o agressor tem sido considerado como um indivíduo procurando poder e liderança dentro do grupo de iguais. Lopes (2005) aponta que os agressores, frequentemente, veem sua agressividade como qualidade, têm opinião positiva sobre si mesmos e geralmente são bem aceitos pelos colegas. Outros estudos sugerem que os agressores apresentam uma tendência maior para comportamentos de riscos,

tais como: o consumo de álcool ou outras drogas e porte de armas (BANDEIRA e HUTZ, 2010).

De acordo com Pinheiros e Williams (2009) citando outros pesquisadores, os alunos que são autores de *bullying*, em sua maioria, provêm de lares onde há a utilização de violência física como forma de disciplina.

Para os agressores, o *bullying* tem a função de afirmação de poder impessoal por meio da agressão, demonstração de poder e afiliação junto aos pares (ANTUNES e ZUIN, 2008).

Fischer *et al.*(2010) mostrou que após uma agressão os sentimentos mais frequentes demonstrados pelos agressores são: em primeiro lugar, não sentir nada; em seguida, sentir-se bem com o ocorrido ou então considerar o ocorrido como engraçado.

As testemunhas quando são passíveis, isto é, quando não interferem no cenário da agressão, funcionam como um reforçador daquilo que está sendo realizado. Muitas testemunhas não ajudam quem está sendo agredido por medo delas serem as próximas vítimas. Vítima e testemunha omissas são o cenário ideal para que o agressor afirme o seu poder diante dos pares.

Alguns estudantes são vítimas e também agressoras e são denominadas de vítimas-agressora. Segundo Lopes (2005), esses sujeitos apresentam uma combinação de baixa autoestima, atitudes agressivas e provocativas. Podem também ser depressivas, ansiosas, inseguras e inoportunas, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações. Para Bandeira e Hutz (2010) as vítimas/agressoras têm uma maior probabilidade de apresentar sérios problemas de comportamento externalizado e são, em grande frequência, maltratados por colegas. Eles se diferenciam das vítimas por serem impopulares e apresentarem alto índice de rejeição entre os pares.

2.3.3 Questões acerca das pesquisas sobre bullying

Martins (2009) constatou em sua revisão para a escrita do livro *Maus tratos entre adolescentes na escola* que as principais variáveis dependentes que os pesquisadores utilizam para caracterizar o problema do *bullying* são: frequência dos comportamentos de vitimação; frequência dos comportamentos agressivos; tipos de *bullying*; locais onde ocorre; características dos agressores e das vítimas; saber se os pais e professores são informados;

atitudes dos alunos face à violência. Já entre as variáveis independentes as principais utilizadas são: idade e nível de escolaridade; gênero; nível socioeconômico; meio urbano ou rural; tamanho da escola e da turma; raça ou etnia dos alunos e /ou graus de mistura étnica entre eles; características de personalidade associadas à vitimação e agressão .

Dentre as novas variáveis independentes que começaram a ser estudadas pelas pesquisas mais recentes, Martins (2009) citando diversos autores relacionou as seguintes: necessidades educativas especiais; ajustamento psicossocial e emocional; adaptação à escola e sucesso acadêmico; integração e posição social na turma, ou seja, preferência ou rejeição por parte dos pares; atitudes face à violência; problemas de comportamento; processos sociocognitivos como o desenvolvimento moral, o processo da informação de situações sociais, as representações e crenças sobre a violência.

Uma das primeiras pesquisas com uma grande amostra de crianças e adolescentes com o objetivo de verificar a incidência de *bullying* ocorreu na Noruega. Olweus (1999, apud MARTINS, 2009) realizou uma pesquisa envolvendo, aproximadamente, 130.000 alunos, em mais de 700 escolas. Esses alunos variavam dos oito aos dezesseis anos de idade. Foi construído um questionário de comportamentos de vitimação/agressão referidos pelo próprio. O autor procurou investigar a frequência de ocorrência das agressões, as reações dos outros (pares, pais, professores), dentre outras questões. Olweus (1999, apud MARTINS, 2009) concluiu com o seu estudo que cerca de 15% dos alunos noruegueses de 7 a 16 anos estavam envolvidos em situações de *bullying*, seja como vítima , seja como agressor.

Uma análise dos dados da pesquisa permitiu constatar certas tendências: (I) rapazes tendem a envolver-se em condutas de *bullying* mais do que as garotas em todos os anos escolares; (II) o tipo de *bullying* mais utilizado era o verbal (insultar, chamar nomes), em ambos os gêneros, seguido pela agressão física direta, nos rapazes, e pela agressão indireta nas garotas; (III) os agressores eram, geralmente, rapazes do mesmo ano de escolaridade das vítimas, verificando-se simultaneamente uma grande percentagem de agressores mais velhos e de anos escolares superiores (MARTINS, 2009).

Martins (2009) analisou a pesquisa realizada por Whitney e Smith na região de Sheffield na Inglaterra. Os pesquisadores realizaram um inquérito com cerca de 600 alunos de escolas básicas e secundárias inglesas. A idade dos alunos estava compreendida ente 8 e 16 anos estudo foi uma adaptação do questionário utilizado por Olweus na Noruega. Os

resultados constataram que a incidência de *bullying* na Inglaterra era maior do que na Noruega. 27% dos alunos do ensino básico haviam sido vítimas e 17% haviam sido agressores em um determinado período de tempo. No ensino secundário esse número reduzia-se para 10% dos alunos tinham sido vítimas e 6% tinham sido agressores (WHITNEY; SMITH, 1993, apud MARTINS, 2009).

Os resultados do inquérito realizado por Whitney e Smith apontam algumas tendências do fenômeno do *bullying* (MARTINS, 2009, p.71): (I) o comportamento de vitimização tende a diminuir com o nível de escolaridade; (II) a maioria dos atos de *bullying* ocorre no momento do recreio, sobretudo nas escolas básicas; nas escolas secundárias os corredores e as salas de aula são os locais onde a agressão pode ocorrer quase com a mesma probabilidade que no recreio; (III) cerca de metade dos alunos vitimados tende a contar a alguém o que aconteceu, os alunos contam com mais facilidade aos pais do que aos professores. Apenas metade dos alunos acredita que os professores sejam capazes de intervir de forma eficaz sobre a situação; (IV) a maioria das crianças relatou não gostar do *bullying* e procura ajudar os colegas em apuros, porém cerca de 20% não tem atitudes de ajuda para com as vítimas e cerca de 16% a 25% dos alunos admite mesmo a hipótese de juntar-se ao agressor se tiver oportunidade;

Um estudo testou hipóteses para verificar o motivo da incidência de *bullying* diminuir com o avançar da idade, como apontou a maioria dos inquéritos. Os pesquisadores Smith, Madsen e Moody (1999) concluíram que a hipótese mais relevante era a de que as crianças novas encontram-se numa situação mais vulnerável, porque, em geral, estão em minoria relativamente às crianças mais velhas, as quais, por isso, se encontram numa situação mais favorável para agredir as mais novas. A outra possibilidade é que as crianças mais novas ainda não adquiriram as competências sociais e a assertividade necessárias para lidarem eficazmente com os incidentes do *bullying* (SMITH *et al*, 1999, apud MARTINS, 2009).

No Brasil, a Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE) foi uma das primeiras pesquisas a nível nacional que teve o intuito de verificar a incidência de *bullying* nas escolas brasileiras. Tratou-se de um estudo transversal descritivo, sendo os dados originados de um inquérito epidemiológico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde. Para compor a amostra foram selecionados alunos que estivessem na 9ª série do ensino fundamental, com a justificativa de que estes teriam a escolaridade mínima para responder o questionário autoaplicável. Ao todo foram pesquisadas 1.453 escolas e 63.411 estudantes. No questionário a questão relativa à ocorrência de *bullying*

foi a seguinte “Nos últimos trinta dias, com que frequência algum dos seus colegas de escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado/incomodado/aborrecido?” Para a questão constava três opções de resposta: em nenhum momento, raramente ou às vezes; quase sempre ou sempre (Malta DC *et al.* 2010).

Posteriormente a variável “sofrer *bullying*” foi correlacionada com as outras seguintes variáveis: idade, sexo, cor/raça, escolaridade materna, com quem reside, local (capitais) e dependência administrativa da escola (pública ou privada).

O estudo apontou que 30,8% dos estudantes brasileiros sofrem algum tipo de violência caracterizado por eles como *bullying*. 25,4% responderam que raramente sofreram um episódio de *bullying* no último mês e 5,4% responderam que sofreram sempre.

Os resultados demonstraram que estudantes mais velhos (de 15 ou mais) sofrem menos *bullying* do que os estudantes mais novos, corroborando com os estudos realizados em outros países. 73,8% dos estudantes com 15 anos relataram não terem sido vítimas de *bullying* nos últimos trinta dias. Este número já se reduz para 65,3 % para os estudantes com 13 anos de idade (Malta DC *et al.* 2010).

No que tange a questão de sexo meninos sofrem mais *bullying* do que as meninas. Do total de alunos/as pesquisados/as 6,0% dos meninos responderam sofrer *bullying*, já em comparação com as meninas 4,8% responderam sofrer algum tipo de intimidação (Malta DC *et al.* 2010).

O estudo mostrou que não há diferenças significativas em relação à cor/etnia nem entre a escolaridade da mãe entre as vítimas de *bullying*.

Dentre as capitais pesquisadas Belo Horizonte liderou a incidência de *bullying* com 6,9 % dos alunos relatando tal violência. E Palma foi a capital com menor incidência com 3,5 % (Malta DC *et al.* 2010).

Não houve diferenças significativas entre escolas públicas e privadas na ocorrência do fenômeno.

Outro estudo brasileiro realizado nacionalmente foi intitulado de “Bullying no ambiente escolar”. Fischer *et al.* (2010) realizaram uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo com o objetivo de conhecer situações de violência entre pares e de *bullying* nas escolas brasileiras. Para tal, utilizou-se uma amostra de 5.168 estudantes da 5ª a 8ª séries, de

escolas públicas e privadas das cinco regiões do país. Por *bullying*, definiu-se como maus-tratos sofridos por colegas com frequência de três vezes durante o ano. O resultado apontou que 12,5% haviam sido vítimas. A utilização do termo maus-tratos se deu em decorrência da dificuldade em diferenciar o *bullying* de outras expressões agressivas entre os alunos.

A pesquisa de Fischer *et al.* (2010) diferentemente da realizada pelo PeNSE (MALTA DC *et al.*, 2010) parte do estudo tinha ênfase quantitativa e outra qualitativa. A etapa quantitativa tinha o objetivo de captar os seguintes dados: incidência, modos de manifestação e perfis dos envolvidos (vítima e agressor) em maus tratos no ambiente escolar. Na etapa qualitativa foram realizados grupos focais com alunos, professores, funcionários diretores e coordenadores de escolas e pais de alunos, nas cidades de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), São Luís (Maranhão), Belém (Pará), Brasília (Distrito Federal), Brasília (Distrito Federal) e São Paulo (São Paulo) (FISCHER *et al.* p.12, 2010). Os objetivos dessa etapa foram os seguintes:

- a) Conhecer as causas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- b) Identificar os perfis dos agressores e das vítimas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- c) Identificar os modos de manifestação de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- d) Refletir sobre as estratégias de combate aos maus tratos e ao *bullying* adotadas pelas escolas.

Para os dados dos grupos focais foi utilizado o método de análise qualitativa do conteúdo. A partir deste método utilizou-se a Análise Temática (análise descritiva e reflexiva das verbalizações agrupadas por temas em função dos objetivos da pesquisa), o que possibilitou que os resultados fossem complementares a fase quantitativa da pesquisa e ainda trouxessem novas perspectivas e recomendações.

Os dados quantitativos apontaram que 28% da amostra total de alunos afirmaram ter sido vítimas de maus tratos por parte dos colegas ao menos uma vez durante o ano de 2009.10% da amostra relataram ter sofrido maus tratos três ou mais vezes durante o ano que, segundo os critérios da pesquisa, configuraria casos de *bullying* (FISCHER *et al.* p.26,2010).

Quando comparado por região, o Sudeste foi a região que apresentou os maiores índices de maus tratos com 39% dos casos. As regiões onde os casos foram menos frequentes foram a do Norte e Nordeste (FISCHER et al. p.27, 2010). Já na ocorrência de *bullying* o Sudeste também apresenta as maiores frequências. 15,5 % dos estudantes dessa região foram vítimas de *bullying* no ano de 2009. Este número é quase três vezes maior que no Nordeste (5,4%), região com menor incidência (FISCHER et al., p.28, 2010).

A pesquisa quantitativa revelou que o termo *bullying* era praticamente desconhecido na época em que o estudo foi realizado, exceto alguns casos que tinham escutado o termo na mídia. Entretanto, sua prática é imediatamente reconhecida por todos e associada a episódios de maus tratos na escola.

Assim como já foi constatado em outras pesquisas a forma de mau trato mais frequente é agressão verbal por meio de apelidos e xingamentos. Esses apelidos geralmente estão relacionados a características físicas marcantes (altura, sobrepeso, padrões de beleza, uso de óculos ou aparelho dentário, etc.). Outras motivações também vêm em decorrência da discriminação de cor/etnia, *status* social e traços de comportamento sexual (FISCHER et al. 2010).

O espaço onde o mau trato é mais frequente é a própria sala de aula, com ou sem a presença do professor, seguido pelo pátio do recreio (FISCHER et al. 2010).

A pesquisa apontou que as agressões ocorridas entre pares são prejudiciais tanto para as vítimas quanto para os agressores. Dentre as respostas mais citadas à pergunta “o que aconteceu na sua vida após maltratar um colega?” “aparecem.” “perdi “a concentração” e” “perdi o entusiasmo na escola”. As agressões ocorridas nas escolas além de prejudicar a socialização dos alunos também interfere diretamente no processo de aprendizagem.

2.3.4 Causas e explicações para o fenômeno do bullying

O *bullying* como fenômeno sociocultural ainda foi pouco problematizado pelos pesquisadores. As pesquisas relacionadas ao assunto são, em grande maioria, quantitativas. Em um primeiro instante estas pesquisas se mostraram de bastante relevância, pois, quantificou algo que, até então, era invisível. Hoje já é de conhecimento de que o *bullying* está presente na maioria das escolas e nos mais diversos países. Sabe-se quem são as vítimas em potenciais, o que querem os agressores, os lugares onde as agressões são mais recorrentes, as consequências das agressões, dentre outras variáveis. Entretanto, os dados estatísticos

muitas vezes não permitem uma problematização mais aprofundada dos fatos. A violência, um fenômeno social, transforma-se em simplesmente em números, sem uma análise mais apurada e profunda. Alguns estudiosos, principalmente das áreas de ciências humanas, já estão realizando pesquisas quanti-quali ou apenas qualitativa sobre o fenômeno do *bullying*. Tais pesquisas permitem que os fatores envolvidos com o fenômeno do *bullying* como os problemas culturais, sociais, econômicos e individuais não sejam apenas nomeados, mas também analisados, problematizados e interpretados.

Antunes e Zuin (2008) no artigo “*Do Bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação*” afirmam que o *bullying* é uma expressão de preconceito presente nas sociedades e culturas pretensamente democráticas. Como preconceito definiu-se como uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais, dirigida contra um grupo inteiro ou contra os indivíduos pertencentes a ele, e que preenche uma função irracional definida dentro da personalidade (JOHODA; ACKERMAN, 1969, apud ANTUNES; ZUIN, 2008).

Ainda segundo Antunes e Zuin (2008) não é o preconceito que desfigura a ordem social, pelo contrário, é a ordem estabelecida atualmente que não pode existir sem desfigurar os próprios homens. A perseguição do outro, a repugnância do inimigo imaginário, têm por essência a violência cotidiana que se manifesta contra tudo aquilo que não conseguiu se ajustar totalmente, o que feria as “certezas” sobre as quais o progresso se sedimentou.

Fischer *et al.*(2010) realizou uma pesquisa quali-quantitativa nas escolas brasileiras sobre o fenômeno do bullying. Os dados coletados nos grupos focais realizados com professores, pais e alunos possibilitaram o levantamento de algumas possíveis causas do bullying no ambiente escolar.

Alguns elementos intrínsecos do ambiente escolar foram apontados como possíveis do surgimento do comportamento violento. Entre eles estão:

- a) Número excessivo de alunos em sala de aula;
- b) Dificuldades da escola em lidar com problemas da família do aluno;
- c) Falta de preparação e habilidade de professores para educar sem uso de coerção e agressão;
- d) Estrutura física inadequada;
- e) Falta de espaços para que os alunos expressem suas emoções e dificuldades pessoais.

Outro problema relacionado à escola apontado como possível causador de violência de acordo com pais e responsáveis é a falta de hierarquia e autoridade que ocorre atualmente nas escolas. Tal falta acometeria um excesso de liberdade dos alunos e propicia a impunidade dos agressores (FISCHER *et al.*, 2010).

Segundo os professores participantes do grupo focal a origem dos maus tratos tem origem familiar. As famílias não socializariam adequadamente as crianças para o convívio social e estimularia o emprego da violência. Para os professores a influência familiar se daria das seguintes formas (FISCHER *et al.*, 2010):

- a) A ocorrência de violência doméstica estimula comportamentos violentos fora do seio da família. Ao conviver com a violência no seio da família, a criança aprenderia a resolver seus conflitos por meio de agressões, tanto verbais quanto físicas.
- b) A negligência dos pais em relação à vida escolar dos filhos e sua omissão em relação ao desenvolvimento pessoal e à aprendizagem escolar. A criança não aprenderia a valorizar os conhecimentos e experiências desenvolvidas no ambiente escolar.
- c) A falta de apoio emocional, a depreciação e estigmatização dos filhos pelos pais, o que geraria crianças inseguras, com dificuldades de relacionamento interpessoal, com baixa autoestima e necessidade de obter aceitação social através de atitudes agressivas de autoafirmação e pertencimento ao grupo.

Na opinião dos próprios alunos as causas dos comportamentos violentos no ambiente escolar são:

- a) Emprego generalizado de apelidos e agressões verbais como formas de brincadeira. Os alunos relataram que, muitas vezes, uma situação violenta é consequência de uma brincadeira que sai do controle dos envolvidos. Os alunos afirmaram, ainda, que é muito difícil para eles estabelecer as diferenças e limites entre brincadeiras e agressões;
- b) Dificuldades emocionais e de relacionamento interpessoal dos agressores. Para os alunos, a prática de *bullying* acontece também porque os agressores não conseguem lidar com seus problemas pessoais e mascaram sua fragilidade com manifestações agressivas de poder. Os alunos acreditam que, mais do que a vítima, o agressor revela problemas decorrentes de insegurança e exclusão e praticam as agressões como forma de driblá-los, a fim de que sejam aceitos e respeitados pelo grupo;

- c) Necessidade de pertencer a um grupo e se ajustar a suas demandas. Os alunos acham que a diferenciação de grupos dentro do ambiente escolar (conhecidos como “panelinhas”) facilita o aparecimento de conflitos e comportamentos que expressam o desejo de conquistar popularidade e ser aceito.

Fischer *et al.*(2010) conseguiram elencar vários das possíveis causas do bullying tais como o desejo de popularidade, a busca de *status*, a negligência familiar, a perda de autoridade dos professores e diretores. Entretanto, não houve uma problematização dos motivos que transformaram a popularidade e a busca de *status*, por exemplo, como valores importantes na nossa cultura atual a ponto de alguns indivíduos precisarem utilizar da força física para alcançar tais feitos.

3. METODOLOGIA

A pesquisa em questão terá como base de investigação os dados coletados na pesquisa *Investigação dos Riscos de Saúde em Adolescentes de Belo Horizonte e seus Determinantes* realizada entre 2009 e 2012 pelo Núcleo- Promoção de Saúde e Paz do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa *Investigação dos Riscos de Saúde em Adolescentes de Belo Horizonte e seus Determinantes* teve como objetivo geral investigar os riscos à saúde dos adolescentes, especialmente aqueles relacionados à violência, em suas dimensões quantitativas e qualitativas, procurando estabelecer nexos com os fatores determinantes de ordem econômica, social, política, cultural e ambiental e apontar possíveis soluções. Trata-se de um estudo transversal envolvendo vários procedimentos metodológicos: entrevista semiestruturada utilizando questionários autoaplicáveis; grupos focais; entrevista aberta e observação participante.

O presente estudo trabalhará com os dados obtidos através do questionário autoaplicável. A amostra de adolescentes foi calculada com erro de 5% (n= 1179), inseridos em 33 escolas públicas e privadas, selecionadas nos nove distritos sanitários de Belo Horizonte.

Em cada escola selecionada, foram convidados a responder aos questionários adolescentes contidos na faixa etária de 10 a 19 anos, sorteados entre os pares.

3.1 Instrumento utilizado

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário semiestruturado (em anexo). Ele foi construído tendo como subsídios outros questionários (CONTRIM-CARLINI, 2000; MELO, 2007; TOLPOLSKI, PATRICK, *et al.*, 2001).

3.2 Procedimentos de coleta de dados

Os dados dos questionários autoaplicáveis foram coletados em sala de aula durante o período escolar regular, seguindo os seguintes passos: (a) apresentação dos aplicadores e exposição dos objetivos da pesquisa; (b) reiteração sobre o anonimato dos participantes e a confidencialidade de suas respostas; (c) informação sobre a livre deliberação de cada um em responder; (d) instruções específicas sobre a forma de responder aos questionários. O tempo de aplicação teve duração aproximada de 60 minutos.

Todos os participantes assinaram conjuntamente com seus responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que no qual estavam expostas as informações sobre o contexto da investigação, o pedido de participação e os objetivos do estudo.

O número de adolescentes sorteados foi de acordo com o número de turmas existentes em cada escola. Foram sorteados adolescentes estudantes dos três turnos(manhã, tarde e noite).

A amostra de adolescentes que respondeu ao questionário semiestruturado foi representativa da população adolescente de Belo Horizonte e calculado com 95% de confiança, controlando-se o erro tipo II em 5%.

O atual trabalho terá como função analisar os dados de frequência referentes às agressões entre pares que culminem em *bullying*. Para isso foi feita uma análise quantitativa dos resultados dos questionários. A análise estatística foi realizada utilizando o programa IBM SPSS Stastics 19.

4. RESULTADOS

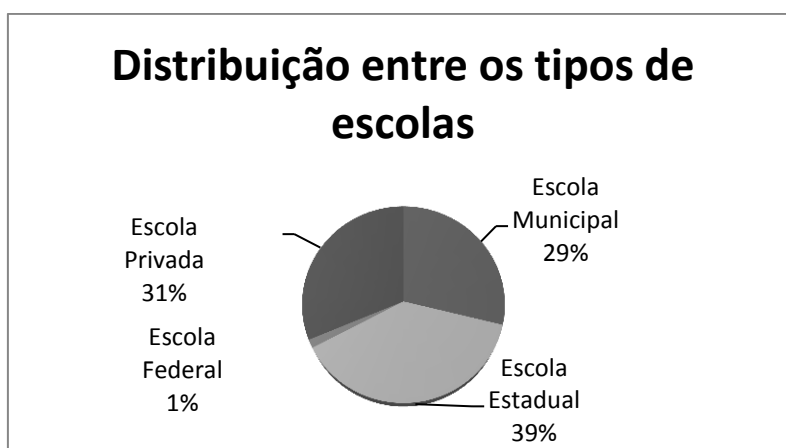
A seguir serão apresentados os resultados encontrados na análise dos questionários.

4.1 Perfil geral da amostra pesquisada

A pesquisa *Investigação dos Riscos de Saúde em Adolescentes de Belo Horizonte e seus Determinantes* que originou os dados utilizados neste estudo aplicou questionários em 33 escolas (pública e privada) distribuídas nos nove distritos sanitários da cidade de Belo Horizonte durante os anos de 2009 e 2012. Ao todo foram respondidos 1216 (n=1216) questionários. A distribuição dos questionários respondidos de acordo com o tipo de escola foi o seguinte:

- a) 28,8% eram de estudantes oriundos da rede municipal de ensino;
- b) 38,5% da rede estadual;
- c) 1,4% eram de escolas federais, e;
- d) 31,3% eram alunos que estudavam no sistema privado de ensino.

Gráfico 1: Distribuição dos questionários respondidos de acordo com o tipo da escola



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

Assim, a maioria dos sujeitos pesquisados estudava em escolas estaduais, seguido pelas escolas privadas, municipais e federais.

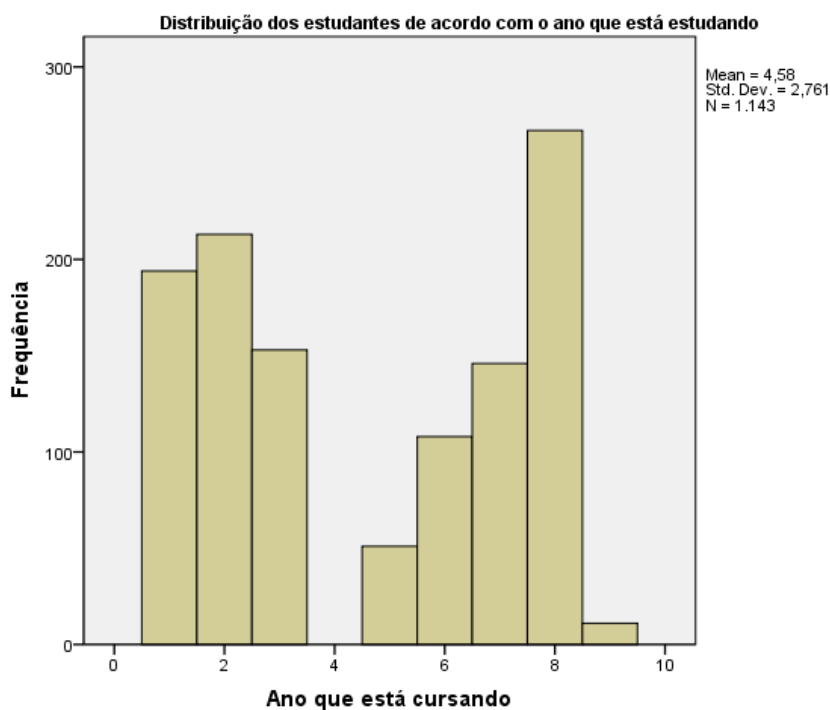
Em relação ao gênero dos sujeitos, 45% eram homens e 55% eram mulheres, não havendo assim, uma diferença significativa entre os sexos. A idade média foi de 14,76 anos com um desvio padrão (d.p) de 1,865, sendo a idade mínima de 10 anos e a máxima de 19 anos. Do total, 35,7% se auto intitularam brancos, 12,8% negro, 46,2% pardo, 3% oriental e 2,3% indígena.

No que tange em qual ano está cursando na escola a maioria dos pesquisados está no oitavo ano (23,4%) seguindo por: segundo ano (18,6%), primeiro ano (17%), terceiro ano (13,4%), sétimo (12,8%), sexto (9,4%), quinto (4,5%) e nono ano (1%), respectivamente.

Do total, 95,5 % dos estudantes nunca abandonaram a escola; 16,7% já tiveram uma reprovação; 5,5% já foram reprovados duas vezes ; 2% já tiveram duas ou mais reprovações e a maioria (78%) nunca teve nenhuma reprovação.

Em relação às notas, 47,7% dos estudantes responderam que elas estão boas; 47 % afirmaram que elas estão mais ou menos e 5,3% afirmaram que elas estão ruins.

Gráfico 2: Frequência dos sujeitos pesquisados em cada ano escolar.



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

Em relação à composição familiar, 89,7% moram com as mães e para 65,2 % a presença paterna está presente no espaço de casa.

Sobre o relacionamento com os colegas, 95,6% dos estudantes disseram que se relacionam bem com eles. Os que afirmaram ter de dois a cinco amigos de confiança corresponderam a 52,4% do total e 12,5% afirmaram não ter nenhum amigo.

Sobre os professores, a grande maioria (93,6%) afirmou ser bem tratada por eles.

4.2 Visão geral sobre a ocorrência de intimidação entre pares/*bullying*

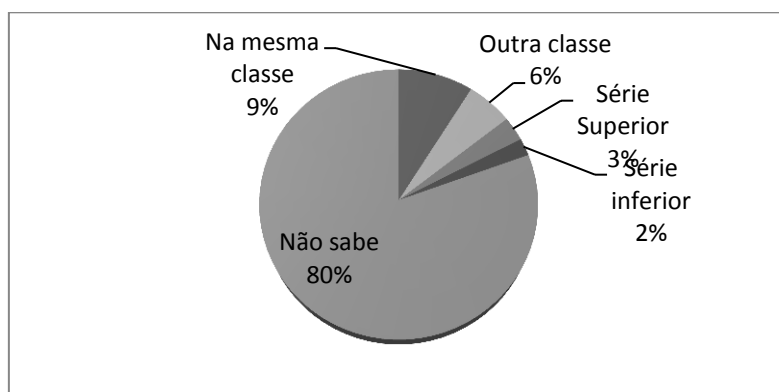
Quando questionados sobre o sentimento de segurança no ambiente escolar 82% (n=982) dos estudantes responderam que se sentiam seguros na escola contra 18 % (n=215) que não se sentiam seguros.

Em relação ao momento do recreio, 79,2% dos estudantes nunca se sentiam sozinhos. 18% se sentiam poucas vezes e 2,8% afirmaram que se sentiam sozinhos/as muitas vezes.

Quando perguntado se sentia ameaçado e/ou pressionado por alguém na escola, 9,1 % (n=109) responderam que sim e 90,9 % (n=1095) responderam que não.

Sobre onde estão as pessoas que ameaçam e/ou pressionam 8,6 % afirmaram que elas estão na mesma classe; 5,3% disseram que estão em outra classe; 2,8% responderam que elas estão numa série superior; 2%, numa série inferior e a maioria (77,1%) disse que não sabe onde elas estão;

Gráfico 3: Localização das pessoas que ameaçam/pressionam



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

Quando questionados sobre se alguém já havia espalhado piadas e/ou comentários maldosos sobre ele, 47% dos estudantes pesquisados responderam que sim e 53% que não. Apenas 17,2% dos estudantes relataram que espalham piada e /ou comentário maldoso sobre seus colegas enquanto que 82,8% disseram que não espalha.

A tabela abaixo indica desde quando são espalhadas as piadas e/ou comentários maldosos sobre os estudantes.

Tabela 1- Periodicidade com que piadas e/ou comentários maldosos são espalhados

| Há uma semana | Há um mês | Desde o início do curso | Sempre | Nunca | Total |
|---------------|-----------|-------------------------|--------|-------|-------|
| 4,8% | 7,2% | 9,7% | 20% | 58,3% | 100% |

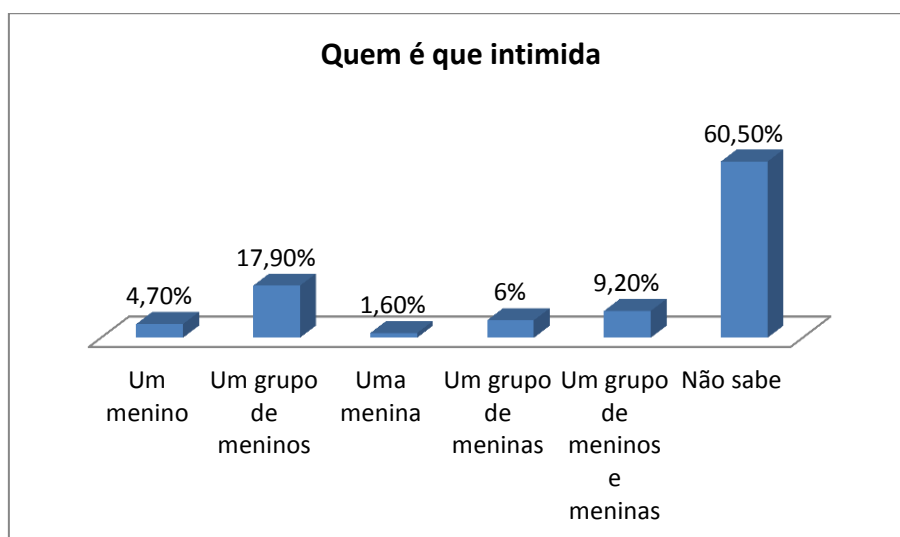
Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz,2012

Dos estudantes pesquisados 1,7% (n=20) responderam que agridem muitas vezes os colegas de escola; 18,5 % (n=223) agridem poucas vezes e 79,8% (n=960) não agridem em nenhum momento.

Na questão “*Você acha que seus colegas também sofrem ameaças/intimidações?*” 53,9% responderam que sim, que achava que os colegas também sofriam ameaça.

Sobre quem é que intimida a maioria disse que é um grupo de meninos (17,9%) seguido por um grupo de meninos e meninas (9,2%); um grupo só de meninas (6%) e um menino (4,7%). Os que não sabem representaram 60,5% do total

Gráfico 3- Quem são os intimidadores na escola.

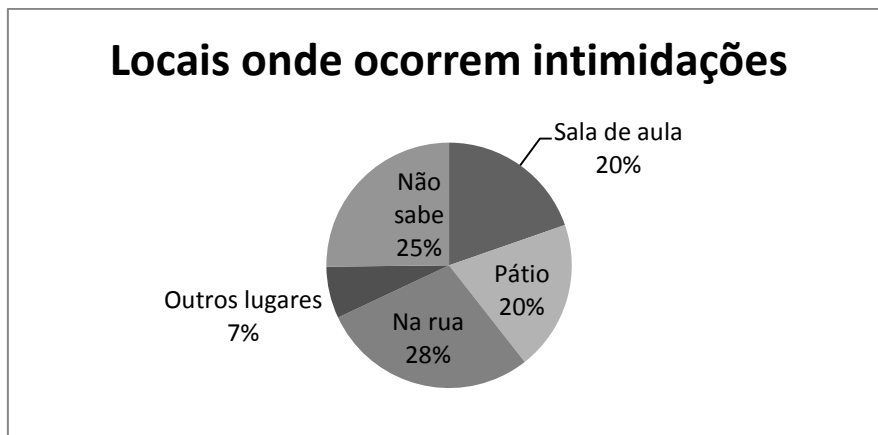


Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz,2012

Em relação aos lugares onde ocorrem as intimidações, a rua aparece em primeiro lugar com 32,7% dos casos. Em seguida aparecem o pátio da escola e a sala de aula com 22,6% e

22,5% dos casos, respectivamente. 7,8 % responderam outros lugares e 28,8 % dos estudantes não sabem onde ocorrem as intimidações

Gráfico 4- Locais citados como sendo os que ocorrem intimidação.

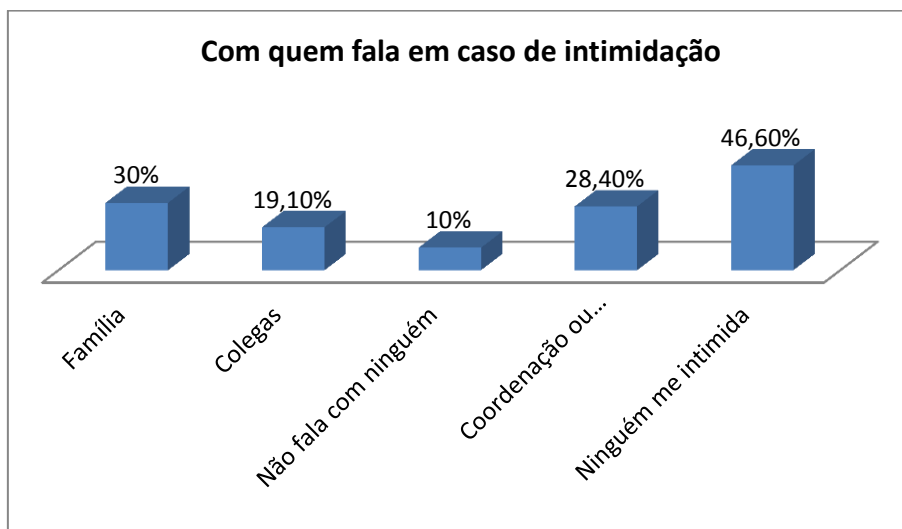


Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

No que tange quem pode parar com as intimidações, 31,1% dos estudantes responderam que os professores; 10,9 % responderam que os colegas podem parar; 18,6 % acreditam que ninguém pode para com elas e 39,4% não souberam responder.

Em casos de intimidações, verificou-se que os estudantes preferem falar em primeiro lugar com os familiares (30% dos casos) e depois com a coordenação ou direção da escola (28,4%).

Gráfico 5- A quem é relatado os casos de intimidação



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz,2012

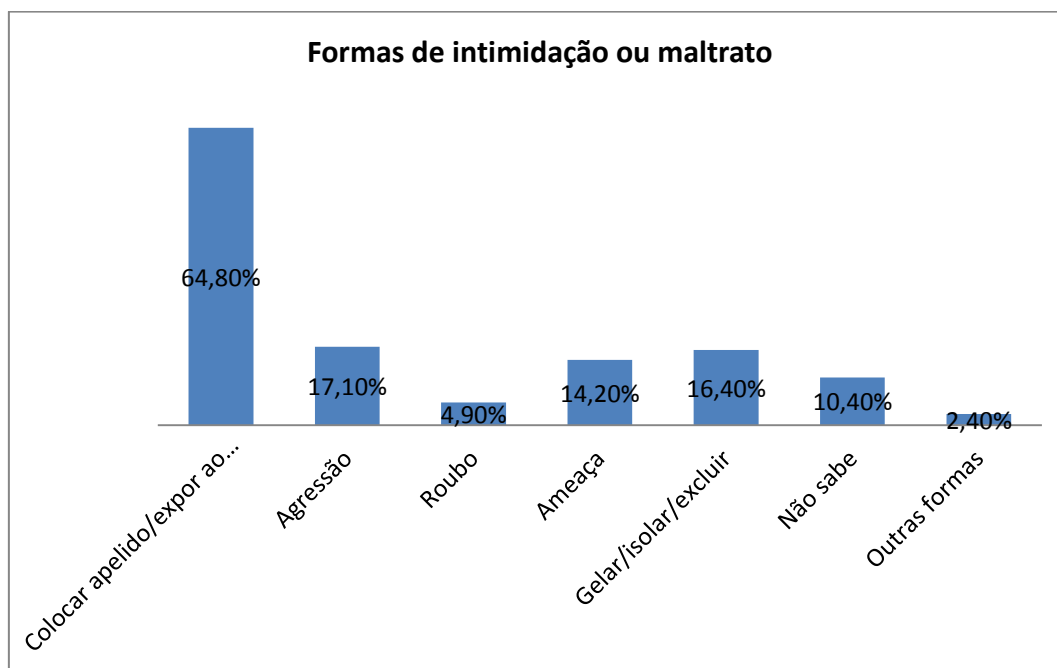
Quando questionados sobre a possibilidade de intimidarem alguém, 43,8% responderam que intimidariam se fossem provocados;1,7% dos estudantes responderam que sim, se estivessem com os amigos e 1,5 % respondeu que intimidaria, pois isso o diverte muito. Os que não souberam responder somaram 14%%. Os que intimidariam por outros motivos corresponderam a 2,7% do total e os que nunca intimidariam foram 36,3%.

Sobre a participação em intimidações,80,7 % dos estudantes afirmaram que não participam de nenhuma situação em que colegas são intimidados. Os que participam são 19,3% do total.

Dentre os motivos que levam a participar de situações em que há intimidação de colegas o fato de ser provocado foi o mais citado com 16,2%, depois aparece “para zoar” com 7,6%%. Em seguida está “por diversão” com 4%.Os que participam porque o outro é diferente correspondeu a 1,5% e porque o outro é lento 0,7%.Outros motivos ficaram com 2,9%, os que não sabiam representou 8,5 % e os que afirmaram que não intimidam ninguém foi de 68%.

As principais formas de intimidação ou maltrato apontados pelos estudantes estão no gráfico abaixo:

Gráfico 6- Principais formas de intimidação e/ou maltrato.



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz,2012

Sobre a frequência com que ocorrem as intimidações na escola 35,6% responderam que elas ocorrem muitas vezes, 54,8% afirmaram que ocorriam que poucas vezes e 9,6% responderam que nunca ocorriam intimidação no ambiente escolar.

Em relação à opinião de quem intimida os colegas, 67,7% acham que eles estão errados. Para 12,6% eles agiam assim porque é algo comum (intimidar o outro). Segundo 11% dos estudantes quem intimida tem seus motivos para fazer isso e 8,7% desconhecem o assunto.

Para os estudantes os motivos que levam alguém intimidar o outro são : em primeiro lugar porque gostam de zoar (72,2%), depois porque são mais fortes (23,4%), em seguida vem porque as vítimas se metem com eles (15,3%). Outros motivos somaram 13,7% e os que não sabem foi de 11,2%.

Sobre o que deve ser feito quando um colega intimida o outro, 35,8% avisariam alguém para parar; 26,8% tentavam acabar com a intimidação pessoalmente; 27,7% não faziam nada e 11,5% desconhecem o assunto.

Quando questionados sobre a possibilidade de acabar com o problema da intimidação entre pares, 70,5% acreditavam que sim, que é possível solucionar o problema. 11,1 % acreditavam que não é possível e 18,4% não souberam responder.

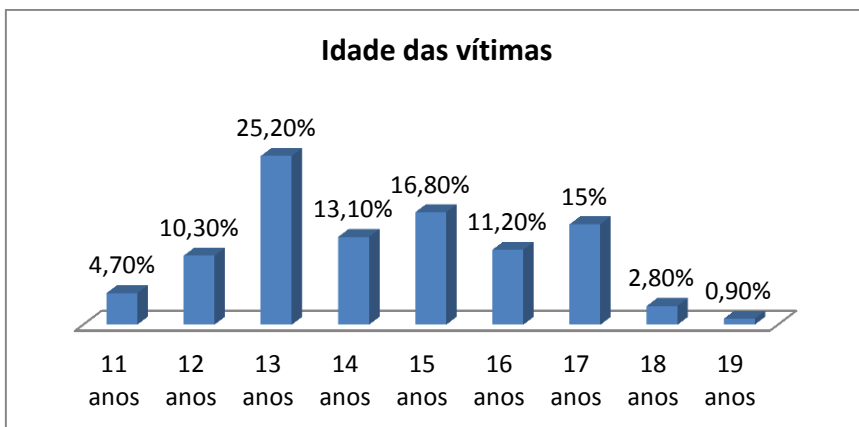
4.3 Perfil das vítimas

Nessa pesquisa foram consideradas vítimas de intimidação entre pares (bullying) aqueles que responderam afirmativamente a seguinte questão do questionário: “*Você se sente ameaçado e/ou pressionado por alguém na sua escola?*” Deste modo, constatou-se que 9,1% (n=109) dos estudantes sofrem algum tipo de intimidação no ambiente escolar.

Em relação ao gênero, há uma equidade entre as vítimas: 49,5% são homens e 50,5% mulher.

No que tange a idade das vítimas, 91,6 % têm idade na faixa etária de 12 a 17 anos .

Gráfico 7- Idade das vítimas que sofrem intimidação.



Fonte: Núcleo- *Promoção de Saúde e Paz*,2012

Sobre a raça das vítimas 32,7% são brancas, 17,8% negras, 44,9 % são pardos, os orientais correspondem a 1,9% e os indígenas 2,8 % .

A maioria das vítimas estuda em instituições particulares (39,2% dos casos) seguidos pelas instituições estaduais e municipais, respectivamente.

Gráfico 8- Tipo de escola onde estudam as vítimas de bullying.



Fonte: Núcleo- *Promoção de Saúde e Paz*,2012

Em relação à composição familiar, 60,6 % têm a figura do pai dentro de casa e 78,9% a presença da mãe.

Sobre a situação escolar 94,4% nunca abandonaram a escola e 71,6% jamais foram reprovados. Para 46,3% das vítimas as notas escolares estão mais ou menos e para 13% delas as notas estão ruins.

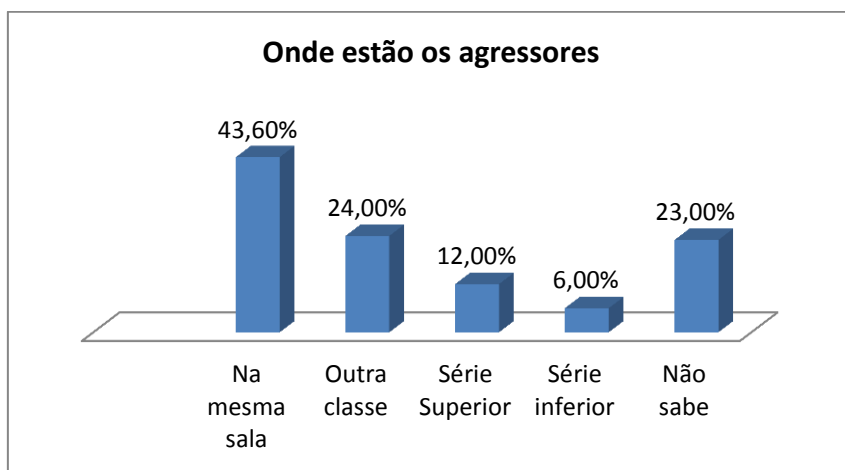
Dos estudantes que se sentiam intimidados no ambiente escolar, 84,1% disseram se relacionar bem com os demais colegas. 48,1% afirmaram que possuíam entre dois e cinco colegas nos quais confiavam na escola. 14,8% relataram não possuir nenhum amigo de confiança. Quando questionados se se sentiam só durante o recreio 36,1% responderam que se sentiam poucas vezes, 11,1% muitas vezes e 52,8% nunca se sentiam sós no recreio.

O tratamento pelos professores é considerado bom por 87,9% dos estudantes.

Para 61,5% das vítimas a escola é um lugar seguro.

O gráfico abaixo indica onde estão as pessoas que intimidam e/ou ameaçam as vítimas:

Gráfico 9- Onde estão aqueles que intimidam.



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

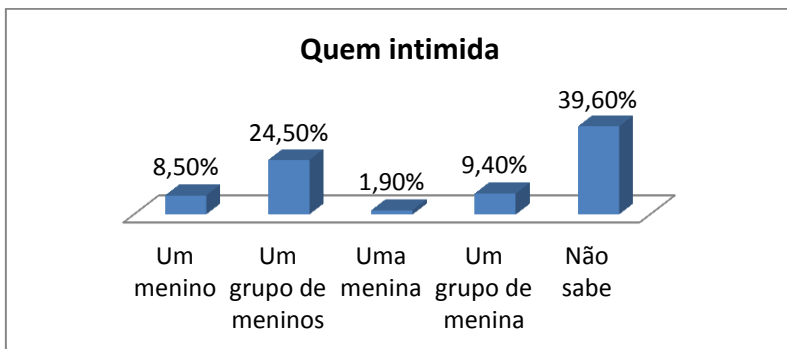
Em relação a piadas, 73,4% das vítimas afirmaram que outras pessoas já espalharam piadas e/ou comentário maldosos sobre elas. Para 34,3% este fato sempre ocorreu. Em 26,3% dos casos isso ocorre desde o início do curso. Em contrapartida, quando questionado se ele próprio espalhava piada e/ou comentário maldosos sobre seus colegas apenas 25,2% dos estudantes afirmaram que sim.

Quando questionado se ele agredia ou maltratava algum colega 29,9% responderam que poucas vezes, 2,8% responderam que muitas vezes e 67,3% nunca agrediram ou maltrataram nenhum colega.

Sobre a ocorrência de ameaça a outros colegas 78,3% das vítimas acreditavam que outros colegas também recebiam ameaças.

Em relação a quem intimida a distribuição ficou a seguinte:

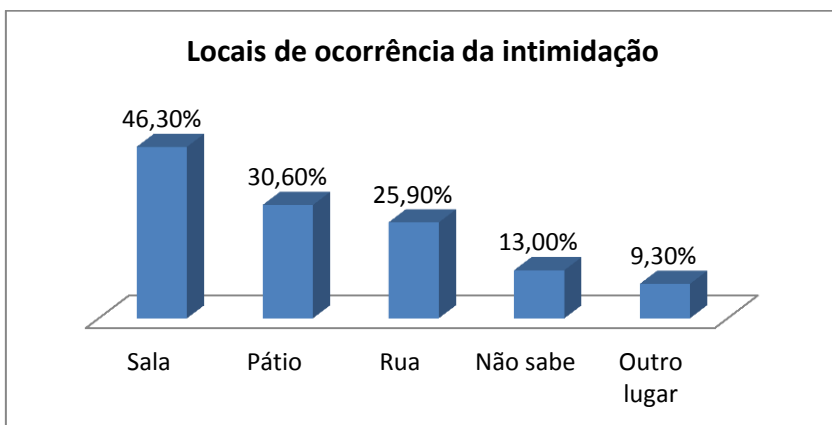
Gráfico 10: Como se dar a distribuição dos intimidadores.



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

Sobre os locais onde pode ocorrer a intimidação as respostas foram as seguintes:

Gráfico 11- Locais onde ocorre a intimidação.



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

Em relação a quem poderia parar com as intimidações, 36,2% acreditavam que os professores podem parar; 8,6 % acreditavam que os colegas têm esse poder; 30,5% não souberam responder e para 24,8% ninguém pode parar com as intimidações.

Os que relataram sofrer intimidação, 19,4% disseram que contam o ocorrido para um professor, 37% conta para familiares, 27,8 % relatam aos colegas, 25,9% não falam com ninguém.

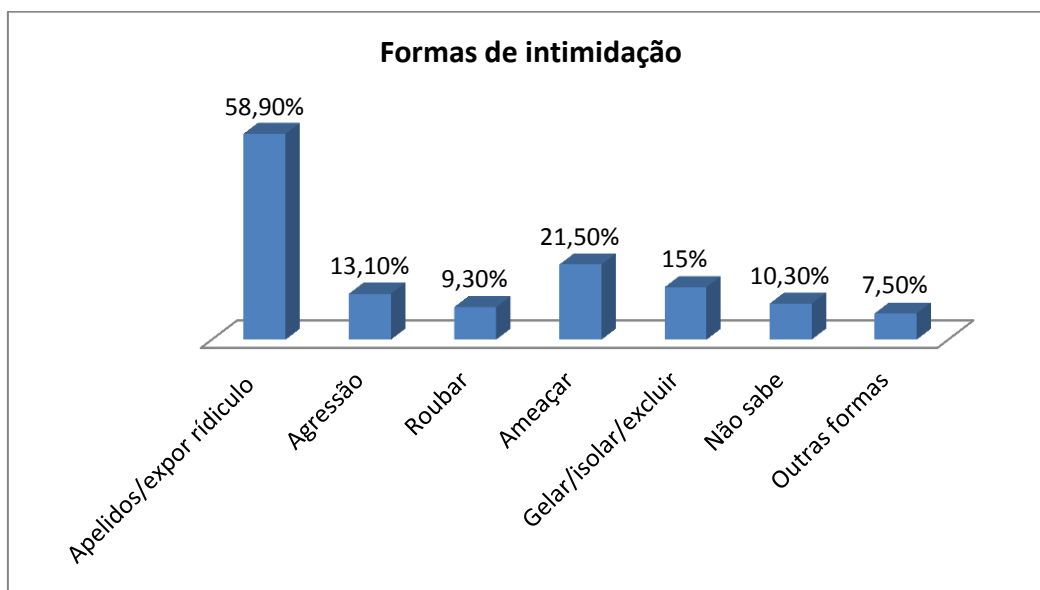
Sobre a possibilidade de intimidar alguém, 49,1% das vítimas disseram que fariam isso caso fossem provocados, 1,9% fariam se estivessem com os amigos, 3,7% fariam por diversão e 39,4% nunca fariam isso.

A principal forma de intimidação, segundo as vítimas, é a colocação de apelidos e/ou expor ao ridículo seguido pelas ameaças, como mostra o gráfico 12.

Para 53,7% das vítimas as intimidações ocorrem com muita frequência. Pouca frequência correspondeu a 38% das respostas e nunca sofriram intimidação, 8,3%.

Os motivos que levam a intimidação são: porque os intimidadores gostam de zoar (65,4%); porque eles são mais fortes (31,8%); porque as vítimas se metem com os intimidadores (13,1%); não sabiam o motivo (11,2%) e outros motivos (13,1%).

Gráfico 12- Formas mais frequente de intimidação.



Fontes: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

Para 63,8% dos estudantes que são intimidados os intimidadores estão errados. Para 15% das vítimas os intimidadores agem assim porque isso é comum e para 12,1% eles têm seus motivos para agirem daquela forma.

Quando questionados sobre o que se pode fazer quando um colega intimida outro, 33% acreditavam que nada podia ser feito; 32,1% avisavam para alguém parar e 25,5% tentavam acabar com o episódio pessoalmente.

Sobre a possibilidade de resolução do problema da intimidação, 58,9% acreditavam que podia ser solucionado. 19,6% acreditavam que não e 21,5% não souberam responder.

As vítimas não reconhecem o *bullying* como um tipo de violência, tanto que quando questionados se já haviam sido vítimas de violência a maioria (59,4%) respondeu que não.

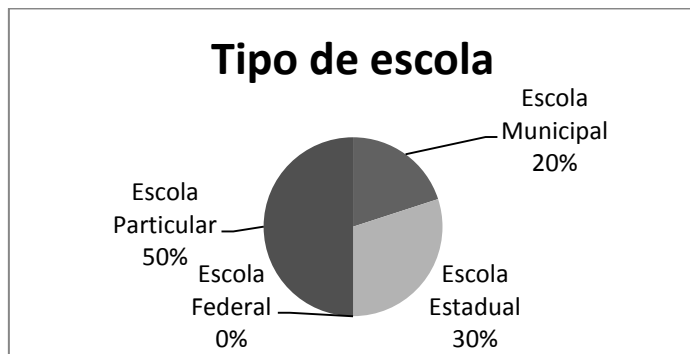
4.4 Perfil dos agressores

Para definir quais estudantes seriam considerados como intimidadores dos seus colegas (agressores) optou-se por definir que seriam àqueles que respondessem afirmativamente a seguinte questão: “*Você agride ou maltrata algum dos seus colegas de escolas (muitas vezes)?*” Desta forma, constatou-se que 1,7% (n=20) dos que responderam ao questionário estariam incluídos na categoria de agressores.

Em relação ao gênero, 63,2% dos agressores são homens e 36,8% mulher.

A maioria dos agressores estuda em escolas particulares, seguido pela escola estadual.

Gráfico 13- Tipo de escolas nos quais estudam os agressores.

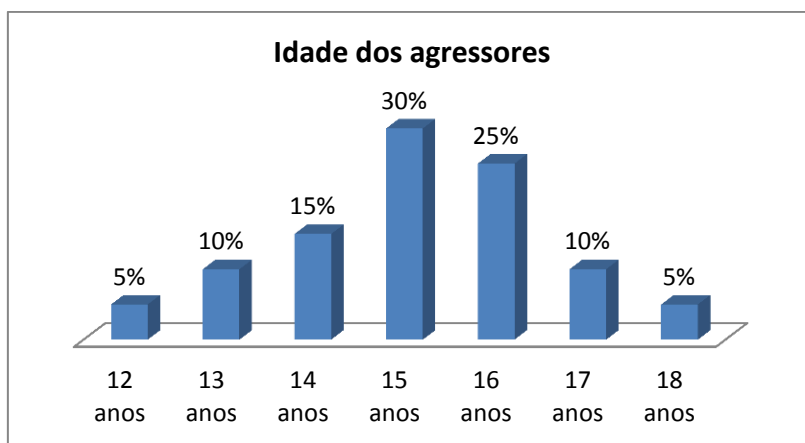


Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz, 2012

Sobre a raça, 45% se autodeclararam brancos, 20% negros e 35% pardos.

No que concerne à idade, a maioria dos agressores têm entre 15 e 16 anos.

Gráfico 14- Idade dos agressores.



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz,2012

Na composição familiar, 60% deles têm o pai presente em casa e 75% têm a mãe.

Sobre a reprovação escolar, 20 % dos agressores já foram reprovados duas vezes e 10% já foram reprovados mais de duas vezes na escola. 25% dos agressores já abandonaram a escola pelo menos uma vez. Em relação às notas, 50% afirmaram que elas estão mais ou menos, para 30% dos agressores elas estão boas e para 20% as notas estão ruins.

Em relação à amizade no ambiente escola, 80% dos intimidadores relataram que se relacionavam bem com os colegas. 30 % afirmaram que tinham seis ou mais amigos de confiança e 20% afirmaram que não tinham nenhum amigo em quem confiar.

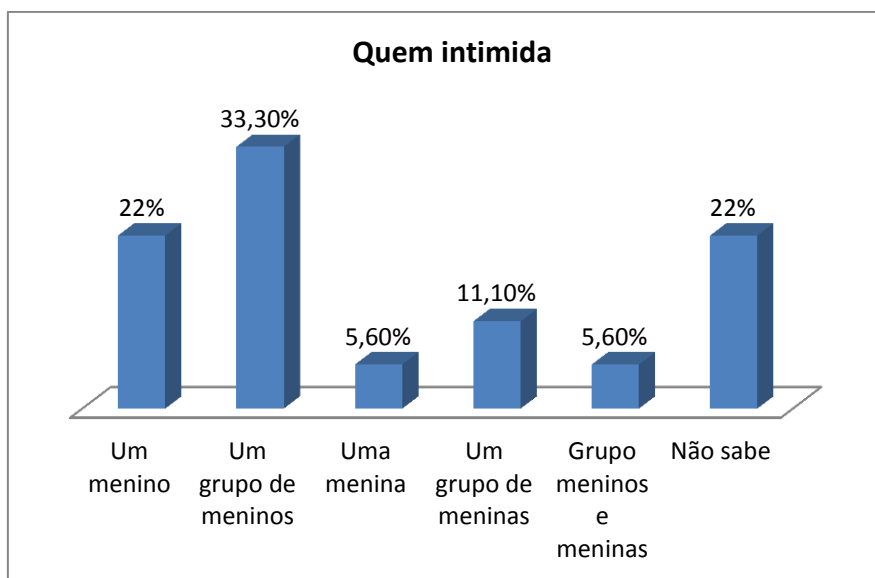
Para 63,2% dos intimidadores, eles eram tratados bem pelos professores. Os que consideraram que não eram bem tratados corresponderam a 36,8% dos agressores.

Sobre o sentimento de segurança,15,8 % dos agressores relataram que se sentiam ameaçados dentro da escola. A porcentagem dos que se sentiam seguros no ambiente escolar correspondeu a 65%.

Sobre as piadas e os comentários maldosos, 40% dos agressores relataram que já fizeram piada ou espalharam comentários maldosos sobre ele. Em contrapartida, 80% dos intimidadores afirmaram que já espalharam piada e/ou comentários maldosos sobre colegas.

A intimidação feita por um grupo de meninos foi apontada como a mais frequente.

Gráfico 15- Relação de quem realiza a intimidação.



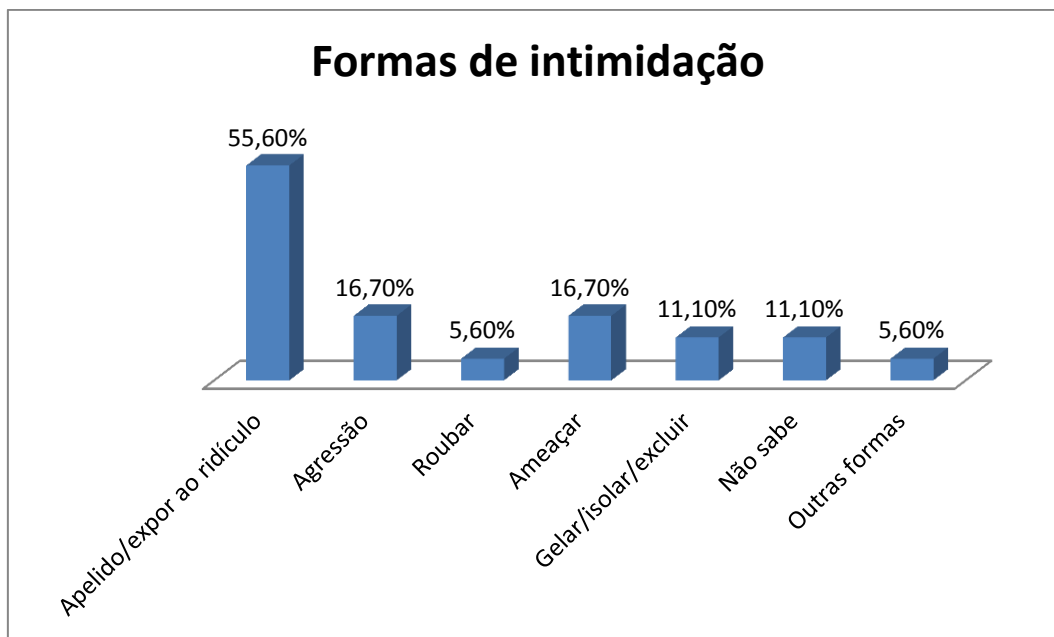
Fonte: Núcleo- *Promoção de Saúde e Paz*, 2012

Quando questionados se seriam capaz de intimidar alguém 40% dos agressores afirmaram que sim, pois isso os divertia muito; 30% afirmaram que só intimidariam se fossem provocados; 5% intimidariam se estivessem com algum amigo; 5 % provocariam por outras razões e 10% nunca provocariam.

Os motivos que levaram os agressores a participarem de situações de intimidações de colegas foram as seguintes, respectivamente: para zoar (47,1%); para diversão (41,2%); porque foi provocado (41,2%); porque eram diferentes (5,9%); porque eram lentos (5,9%); não souberam responder (5,9) e não intimidavam ninguém (11,8%).

As principais formas de intimidação relatadas pelos agressores são:

Gráfico 16- Formas de intimidação entre os pares.



Fonte: Núcleo- Promoção de Saúde e Paz,2012

Para 78,9% dos agressores as intimidações ocorrem muitas vezes. Os que acham que acontecem poucas vezes ou nunca corresponde a 21%.

Segundo os agressores as intimidações ocorriam: porque gostavam de zoar (83,3%), porque os colegas se metiam com eles (27,8%), não souberam o motivo (16,7%).

Sobre a possibilidade de resolver o problema da intimidação, 57,9% dos agressores acreditavam que seria possível.

Quando questionados se já haviam batido em alguém 100% dos agressores afirmaram que sim. Em relação a brigas mais graves, 52,6 % já participaram de pelo menos um espancamento de outra pessoa. Sobre sua agressividade, 31,6% dos agressores se consideravam violentos o tempo todo e 57,9% se sentiam violento às vezes.

5. DISCUSSÃO

A pesquisa em questão comprovou a existência de intimidações entre pares (*bullying*) entre os alunos das escolas de Belo Horizonte. Por não haver uma opção específica e direta que questionasse sobre a vivência da prática do *bullying*, optou-se por fazer a análise a partir de uma questão indireta: “*Você se sente ameaçado e/ou pressionado por alguém na escola?*” A escolha de tal variável para a análise de casos de *bullying* mostrou-se válida, pois, sentir-se

ameaçado e/ou pressionado são uma das principais consequências de quem é vítima de bullying no ambiente escolar (FANTE e PEDRA, 2008).

O resultado obtido que apontou que 9,1% dos estudantes de Belo Horizonte se sentem ameaçados e/ou pressionados por algum colega de escola está bem próximo ao que foi verificado por outros pesquisadores. Na pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde intitulada “*Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar*” (2009) que, dentre outros fatores, pesquisou a ocorrência de *bullying* entre os estudantes, concluiu que 6,9% dos alunos¹ de Belo Horizonte pesquisados haviam relatado algum episódio de intimidação no último mês. Esse dado fez com que a capital de Minas Gerais figurasse em primeiro lugar na frequência de *bullying* entre todas as outras capitais. A média nacional foi de 5,4%.

Outra pesquisa nacional realizada por Fisher *et al.*(2009) constatou que 10% dos estudantes brasileiros eram vítimas de *bullying*.

Os casos de *bullying* em Belo Horizonte apresentam índices bem próximos aos encontrados também em estudos internacionais. O pesquisador Dan Olweus, precursor das pesquisas sobre *bullying*, constatou que 9% dos estudantes noruegueses eram vítimas frequentes de bullying (OLWEUS, 1997).

Apesar dos dados das pesquisas realizadas em Belo Horizonte confirmarem que, em média, 8% dos estudantes eram vítimas de algum grau de *bullying*, a comparação entre as pesquisas tem que ser feita de forma cautelosa devido às diferenças metodológicas. Essas diferenças podem ser em decorrência das amostras distintas, da faixa etária pesquisada, do formato dos questionários e das questões, dentre outros fatores (MALTA *et al.* 2010). Entretanto, mesmo com as diferenças metodológicas os resultados das pesquisas se aproximaram, mostrando que a frequência do *bullying* é similar em diferentes contextos.

Após a análise dos questionários do presente estudo chegou-se ao seguinte perfil do *bullying* nas escolas de Belo Horizonte:

¹ Nesta pesquisa foram pesquisados apenas alunos do 9º ano do ensino fundamental.

² Psicólogo. Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais.

³ Psicólogo; psicanalista; Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII; Pós-doutor por Paris VII; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais; Membro da Societé de Psychanalyse Freudienne, Paris, França; Membro fundador da ONG TVer; Membro fundador da Rede Internacional em Psicopatologia Transcultural; Professor Adjunto III no Departamento de Psicologia da PUC-MG. Professor visitante da pós-graduação da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA, Recife/PE. Professor credenciado a dirigir pesquisas de pós-

- a) É mais frequente em escolas particulares do que nas escolas estaduais e municipais;
- b) Não há diferença significativa na distribuição das vítimas e dos agressores em relação à cor/etnia;
- c) Meninos e meninas são vítimas igualmente;
- d) Meninos são mais agressores do que as meninas;
- e) 13 anos é a idade com que mais vítimas sofrem a intimidação;
- f) A vítima tende a relatar o episódio de *bullying* aos familiares;
- g) Os agressores tendem a ser da mesma sala da vítima;
- h) O *bullying* é encarado como uma forma de diversão pelos agressores;
- i) A intimidação, na maioria das vezes, é realizada por um grupo de meninos;
- j) As intimidações tendem a ocorrer dentro da própria sala de aula;
- l) A principal forma da prática do *bullying* é colocar apelido e/ou expor ao ridículo;
- m) Os agressores cometem a intimidação porque gostam de zoar;
- n) Os agressores tendem a ser mais velhos do que as vítimas;
- o) As vítimas não reconhecem o *bullying* como uma violência;
- p) A maioria acredita que o *bullying* pode ser solucionado e que os professores conseguiriam fazer isso.

De acordo com Fante e Pedra (2008) o *bullying* pode mobilizar, dependendo da estrutura psíquica de cada vítima, ansiedade, tensão, medo, raiva, irritabilidade, dificuldade de concentração, déficit de atenção, angústia, tristeza, desgosto, apatia, cansaço, insegurança, retraimento, sensação de abandono e de inferioridade, mágoa, oscilações do humor, desejo de vingança e pensamentos suicidas, depressão, fobias, hiperatividade, entre outros. E tudo isso acontece num período da vida já marcada por profundas transformações e conflitos, que é a adolescência.

A gravidade das ações continua e repetitiva das intimidações parece não ter sido assimilada nem pelas vítimas nem pelos agressores. As vítimas não reconhecem aquilo que

elas estão vivenciando como uma violência (59,4% das vítimas responderam que não haviam sofrido qualquer tipo de violência) e os agressores consideram o ato deles apenas uma “brincadeira”, uma diversão. Essa visão de que o *bullying* é apenas uma brincadeira entre os pares fez com que a esta pratica fosse negligenciada durante anos e, mesmo hoje, ainda é encarada com certo descaso por certos profissionais e familiares.

Na brincadeira pressupõe que ambos os envolvidos estejam se divertindo, o que não ocorre no *bullying*. No *bullying* a assimetria de poder é visível, apenas alguns se divertem em detrimento de outros. Segundo Fante e Pedra (2008) quando as brincadeiras ganham requintes de crueldades, perversidade, outras intenções além do simples divertimento, a brincadeira deixa de ser algo normal e saudável e transforma-se num ato de violência. Essa violência não deixa marcas visíveis, como a violência física, mas é tão nociva para o sujeito quanto qualquer outra violência. Esse tipo de *bullying* é denominado psicológico (SHARIFF, 2011).

Segundo Shariff (2011), o *bullying* psicológico geralmente envolve infligir um sofrimento mental de tal modo que as vítimas temam por sua segurança física, resultando num abalo na autoestima e na autoconfiança. O *bullying* psicológico é subdividido em duas categorias: declarado (verbal) ou dissimulado (não verbal). No declarado, as brincadeiras e os insultos podem ser ouvidos ou lidos pelas testemunhas e provados pelas vítimas. Já o *bullying* psicológico dissimulado é o mais difícil de ser comprovado, pois ele visa excluir ou isolar por meio da perseguição e/ou ostracismo da vítima. Nesse tipo de *bullying* os agressores podem espalhar boatos que constriam as vítimas, se recusar a realizar as atividades escolares com elas, podem fazer repetidamente afirmações depreciativas sobre a vítima ou outros tipos de perseguições verbais (SHARIFF, 2011).

Esse tipo de *bullying*, possivelmente, é o mais comum justamente pela sua dificuldade de constatação e, conseqüentemente, punição dos autores. Um aluno não pode ser punido apenas por rir de outro colega ou por não querer realizar uma tarefa com uma determinada pessoa. Os argumentos para tais atos podem ser os mais diversos, sem, entretanto, serem reconhecidos como uma prática violenta e que cause danos ao outro.

Esta violência que se dá através do simbólico, da linguagem, é compreendida como uma violência psicológica. Segundo o Ministério da Saúde (2001) violência psicológica é toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Dentre as formas que esta violência se manifesta temos os

seguintes casos: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, entre outras. A violência psicológica é silenciosa e, por isso, difícil de ser identificada e combatida. Apesar da violência física também estar presente nos casos de *bullying*, a violência psicológica tende a ser mais recorrente, principalmente devido ao seu suposto anonimato. É uma violência que não deixa marcas visíveis.

A violência psicológica pode ser compreendida também como um dos elementos da violência simbólica, definição esta cunhada por Pierre Bourdieu. Bourdieu criou a definição de violência simbólica com o objetivo de elucidar as relações de dominação que não precisam da coerção física entre as pessoas e os grupos presentes no mundo social para se configurarem (BOURDIEU, 1999). A naturalização com que vítimas e agressores encaram o *bullying* é um bom exemplo de como a violência simbólica atua.

Segundo Bourdieu (1999):

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) que ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais a forma incorporada da relação da dominação, fazem esta relação ser vista como natural (p.47).

A noção de um grupo dominando o outro é a base da violência simbólica. Entretanto, para que esta dominação tenha eficácia é necessário que os dominados se integrem como parte da dominação sem ter consciência da sua própria dominação (BOURDIEU, 1999). Em *A Dominação Masculina (1999)* Pierre Bourdieu trata da dominação masculina sobre o gênero feminino. Trazendo a ideia apresentada pelo autor para a discussão sobre o *bullying*, pode-se fazer um paralelo entre a dominação masculina frente ao feminino e a dominação que os agressores exercem sobre as vítimas.

Segundo Bourdieu (1999) a força simbólica, isto é, a força exercida na violência simbólica, é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos diretamente, sem qualquer coação física. O poder simbólico não é exercido sem a colaboração dos que lhe são subordinados e só se subordinam a ele porque o constroem como poder. Entretanto, não se pode culpabilizar o dominado (a vítima) por esta subordinação. Bourdieu afirma que esta subordinação não é algo consciente, livre, um ato intelectual, mas sim é resultante de um poder inscrito duradouramente nos corpos dos dominados sob forma de esquemas de

percepção e de disposições (respeitar, admirar, amar...) o que faz com que os subordinados se tornem sensíveis a certas manifestações simbólicas do poder.

Os agressores podem não ter consciência, mas no momento em que eles afirmam estar “apenas brincando” com as vítimas eles estão reproduzindo uma lógica de poder baseada em injustiças sócias produzida pela sociedade adulta, em que um grupo acredita ter o direito de impor suas vontades ao outro (PINO, 2007).

Outro resultado que merece uma maior atenção foi o fato do *bullying* está mais presente nas escolas particulares do que nos outros tipos de escola (estadual municipal e federal). Esse dado é diferente do que foi verificado em outras pesquisas (FANTE e PEDRA, 2008; MALTA *et al.* 2010) nas quais os índices de incidência de *bullying* foram similares tanto nas instituições privada quanto nas públicas.

Muitas escolas particulares tendem a não reconhecer a existência de *bullying* em suas instituições. Segundo Fante e Pedra (2008), esse não reconhecimento se dar devido ao temor de serem discriminadas ou de perderem alunos. Muitas até utilizam da ausência de casos de *bullying* como estratégia de *marketing*. Tal comportamento de algumas escolas particulares de negligenciar casos de *bullying* em detrimento de valores capitalistas pode abrir um precedente perigoso. De acordo com Patrício e Ceccarelli (2013), quando as instituições escolares transformam-se em empresas e a educação numa mercadoria, estas passam a ser regidas pelas leis rígidas e inflexíveis do mercado, assim, as escolas acabam transformando-se em cúmplices de um modelo segregador dos valores capitalistas. Valores estes em que violências escolares, tais como o *bullying*, não são compatíveis.

Para Antunes e Zuin (2008), pensar a violência irracional no ambiente escolar, que é um dos grandes responsáveis pela socialização das crianças, é uma questão importante e urgente. Segundo eles, as práticas de violência nas escolas têm que ser compreendidas por meio da análise social, das formas de organização e das forças objetivas da sociedade em questão.

6. CONCLUSÃO

O *bullying* hoje já não é mais considerado um fato sem relevância pelos pesquisadores, entretanto, as pesquisas também precisam acompanhar essa evolução de pensamento. O fenômeno já foi identificado, descrito e seus efeitos mensurados. Com tais dados em mãos é

preciso começar a pesquisar quais são as estratégias mais eficientes para evitar que as vítimas sofram tal violência e, caso elas já sofram, quais os meios de fazer com ela cesse.

A atual pesquisa teve como um dos seus objetivos verificar o perfil do agressor, entretanto, não foi possível aprofundar nessa verificação. Próximas pesquisas poderiam se atentar ao agressor e a agressão, pois este é um campo ainda pouco explorado no campo do *bullying*. É necessário aprofundar as motivações que levam o agressor a agredir, saber se o nosso atual contexto social e tecnológico está sendo propício para o aumento deste tipo de violência.

Com o desenvolvimento das novas mídias tecnológicas as práticas do *bullying* cada vez mais têm migrado para o mundo virtual, configurando o *cyberbullying*. Por *cyberbullying* entende-se a prática do *bullying* ou assédio por meio de instrumentos eletrônicos, tais como: redes sociais, blogs, e-mails, celulares... Sua prática se caracteriza por envios de mensagens difamatórias e ameaçadoras pela internet e outras atitudes com um claro interesse de prejudicar a vítima (SHARIFF, 2011). O anonimato que a internet permite faz com que tal prática seja ainda mais difícil de ser combatida que o *bullying* tradicional.

De acordo com Neto (2005), a redução da ocorrência de *bullying* pode ser uma medida de saúde pública altamente efetiva no século XXI, pois as sequelas causadas às vítimas quase sempre perduram durante anos, influenciando em suas vidas afetivas e até profissional.

A violência é um mal que assola toda a sociedade e a instituição escolar não pode ficar alheia a isso. A escola, diante do seu prestígio perante a sociedade, precisa liderar o combate e a prevenção a todos os tipos de violência, inclusive o *bullying*. “Se a educação não é a solução para acabar com a violência, sem educação a violência não tem solução, nem a curto nem a longo prazo” (PINO, 2007).

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília : UNESCO, 2002.
- ALVES, R. **Sobre as aves e os adolescentes. Sobre o tempo e a eternidade**. Papirus: Spectrum, 1995.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do Bullying ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, 20, n. 1, 2008. 33-42.
- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, Janeiro/Junho 2010.

- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós modernidade**. Tradução de Cláudia Martinelli Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução de Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOCK, A. M. **Adolescência: uma concepção crítica**. [S.l.]: [s.n.], 1999.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRASIL, M. D. S. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretária de Vigilância em Saúde, 2005.
- BRASIL, M. D. S. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL, M. D. S. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 3ª. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- CECCARELLI, P. R. Novas Configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 40, n. 72, junho 2007. 89-102.
- CECCARELLI, P. R. A nova ordem repressiva. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 30, n. 4, p. 738-751, 2010.
- CECCARELLI, P. R. A patologização. **Estudos de Psicanálise**, Aracajú, v. 33, p. 125-136, julho 2010.
- CECCARELLI, P. R.; PATRÍCIO, C. J. Bullying e pós-modernidade: uma relação intrínseca (?). **POLÊMICA Revista Eletrônica**, v. 12, n. 3, p. 415-431, julho/agosto/setembro 2013.
- CECCON, C. et al. **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis: Vozes, 1982. 95 p.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, jul/dez 2002.
- CONTRIM-CARLINI, B.; GAZAL CARVALHO, C.; GOUVEIA, N. Comportamentos de Saúde entre Jovens Estudantes das Redes Pública e Privada da Área Metropolitana do Estado de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 6, dezembro 2000.
- DANTAS, N. M. **Adolescência e psicanálise: uma possibilidade teórica**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. [S.l.]. 2002.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FISCHER, R. M. et al. **Bullying Escolar no Brasil**. CEATS/FIA. São Paulo. 2010.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Tradução de Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 200-204, 2009.

FREUD, S. Três ensaios sobre as teorias sexuais. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J.Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1905. p. 123-250.

FREUD, S. O Estranho. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVI, 1919/1976.

FREUD, S. O ego e o id. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1923/1976.

FREUD, S. O mal-estar na Civilização. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1929/1974.

GARCIA, M. R. **Homofobia e heterossexismo nas escolas**: uma discussão da produção científica no Brasil e no mundo. IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. [S.l.]: [s.n.]. 2009.

GUIMARÃES, A. M. **Vigilância, punição e depredação escolar**. 3ª. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

KEHL, M. R. Existe uma função fraterna? In: KEHL, M. R. **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998. p. 96-103.

LATERMAN, L. **Violência e incivilidade na escola. Nem vítimas, nem culpados**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

LOPES, A. A. N. Bullying- Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MALTA, D. C. et al. Bullying nas escolas brasileiras. Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 3065-3076, 2010.

MARTINS, M. J. **Maus tratos entre adolescentes na escola**. Porto: Novembro, 2009.

MELO, E. M. A violência rompendo interações. As interações superando a violência. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant**, 7, n. 1, 2007. 89-98.

MINAYO, M. C. S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE, S. D. V. E. S. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

MOURA, D. R. et al. Prevalência e características de vítimas de bullying. **Jornal de Pediatria**, v. 87, n. 1, 2011.

NETO, A. A. L. Bullying-Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, p. 164-172, 2005.

NIETZSCHE, F. W. **Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O que é pós-modernismo tardia ou era do vazio, 2012. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6167586/O-que-e-posmodernidade-modernidade-tardia-ou-era-do-vazio>>. Acesso em: 01 julho 2012.

OLWEUS, D. Bully/victimproblems in school:Facts and intervention. **European Journal of Psychology of Education**, v. XII, n. 4, p. 495-510, 1997.

PEREIRA, E. D. Adolescência: um jeito de fazer. **Revista da UFG**, v. 6, n. 1, junho 2004.

PEREIRA, M. R. **O bullying existe? Ou, mais uma vez, "Bate-se numa criança"**. Comunicação apresentada na mesa redonda "O bullying na escola e as respostas do Psicólogo". PUC-Betim: [s.n.]. 2012.

PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, set/dez 2009.

PINO, A. Violência, Educação e Sociedade:Um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação Sociologica**, Campinas, 28, n. 100, outubro 2007. 763-785.

RASSIAL, L. L. **A passagem adolescente**: da família ao laço social. Tradução de Francine A.H.Roche. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1997.

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. Tradução de Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SHARIFF, S. **Ciberbullying**: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001.

TOLPOLSKI, T. D. et al. Quality of Life and Health-Risk Behaviour Among Adolescents. **Journal of Adolescent Health**, 29, n. 6, 2001. 426-435.

ZAINE et al. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 375-382, julho-setembro 2010.

ANEXO A - Questionário

NÚCLEO - Promoção de Saúde e Paz

Faculdade de Medicina – UFMG.

Lembre-se: Não coloque seu nome no questionário. Assim ninguém poderá saber as suas respostas.

Você é:

Homem

Mulher

Qual é a sua idade? _____ anos

Você é:

Solteiro

Casado

Amigado

Separado

Em que cidade você nasceu? _____

Você é:

Branco

Negro

Mestiço/Pardo

Oriental/Amarelo

Indígena

Você mora:

Com seu pai

Com sua mãe

**Você pode marcar
mais de uma
resposta, se**

- Com seus irmãos
- Com padrasto/madrasta
- Com marido/esposa
- Com outros parentes
- Com amigos
- Com outras pessoas
- Sozinho
- Numa instituição para menores

RELIGIÃO

Você acredita em Deus?

- Sim
- Não

Você vai à missa ou ao culto religioso?

- Sim
- Às vezes
- Não

ESCOLA

Qual série você está cursando? _____

Você já foi reprovado na Escola?

- Sim, uma vez
- Sim, duas vezes
- Sim, mais de duas vezes
- Não

Você já abandonou a escola alguma vez?

- Sim
- Não

Você se relaciona bem com a maioria dos seus colegas?

- Sim
- Não

Quantos amigos (as), de verdade, você tem na sua escola?

- 1
- Entre 2 e 5
- 6 ou mais
- Nenhum

Os seus professores lhe tratam bem?

- Sim
- Não

Como está seu rendimento escolar?

- Bom
- Mais ou menos
- Mal

Você se sente seguro na escola em que estuda?

- Sim.
- Não

Por quê? _____

Você se sente sozinho no recreio porque seus amigos não querem estar com você?

- Muitas vezes
- Poucas vezes
- Nunca

Você se sente ameaçado e/ou pressionado por alguém na sua escola?

- Sim

() Não

Quem?

Aonde estão as pessoas que ameaçam e/ou pressionam?

() Na mesma classe

() No mesmo curso/turno/série/porém em outra classe

() Em uma série superior

() Em uma série inferior.

() Não sei

| |
|---|
| Você pode marcar mais de uma resposta se |
|---|

Alguém já espalhou piadinhas/comentários maldosos sobre você na escola?

() Sim.

() Não

Desde quando esta situação ocorre?

() Há uma semana

() Há um mês

() Desde o princípio do curso

() Sempre me “zoaram”

() Nunca ninguém me “zoou”

Você agride ou maltrata alguns dos seus colegas de escola?

() Muitas vezes

() Poucas vezes

() Nunca

Você espalha piadinhas/comentários maldosos sobre colegas da escola?

() Sim

() Não

Você acha que seus colegas também sofrem ameaças/intimidações?

Sim

Não

Quem você acha que intimida seus colegas?

Um menino

Um grupo de meninos

Uma menina

Um grupo de meninas

Um grupo de meninos e meninas

Não sei

Em que locais/lugares podem ocorrer as situações de intimidação e maltratos?

Na sala de aula

No pátio

Na rua

Não sei

Outros: _____

Quem pode parar as situações de intimidação?

Algum professor

Algum colega

Não sei

Ninguém

Se você sofre intimidações na escola, você fala com alguém sobre isso?

Falo com os professores

Falo com minha família

| |
|--|
| Você pode marcar mais de uma resposta, se |
|--|

- () Falo com meus colegas
- () Ninguém me intimida
- () Não falo com ninguém

Você seria capaz de intimidar algum de seus colegas em alguma ocasião?

- () Só se me provocarem
- () Sim, se estiver com os meus amigos
- () Sim, isso me diverte muito
- () Não sei
- () Outras razões: _____
- () Nunca

Você participa de situações em que seus companheiros são intimidados?

- () Sim
- () Não

Se participa, porquê?

- () Porque me provocaram
- () Porque são diferentes (gordo, orelhudo, torto, negro).
- () Porque são mais lentos.
- () Para zoar
- () Para me divertir
- () Não sei .
- () Outros.....
- () Não intimido ninguém.

**Você pode marcar
mais de uma
resposta se**

Quais são, na sua opinião, as formas mais frequentes de intimidação ou maltratos entre os colegas?

- () Colocar apelidos ou expor ao ridículo

- Agredir
- Roubar
- Ameaçar
- Gelar, isolar, excluir
- Não sei
- Outros: _____

Com que frequência ocorrem as intimidações em sua escola

- Muitas vezes
- Poucas vezes
- Nunca

Qual é a sua opinião sobre os adolescentes que intimidam outros colegas?

- Agem normalmente, porque isso é comum entre colegas
- Fazem o que devem fazer pois têm seus motivos
- Estão errados em fazer esse tipo de coisas
- Nada, desconheço o assunto

Em sua opinião, por que alguns adolescentes intimidam os outros?

- Porque se metem com eles
- Porque são mais fortes
- Porque gostam de zoar os outros
- Não sei
- Outras razões: _____

**Você pode marcar
mais de uma
resposta se precisar**

O que você pode fazer quando um colega intimida o outro?

- Aviso alguém que possa parar com a situação
- Tento eliminar/acabar com a situação pessoalmente

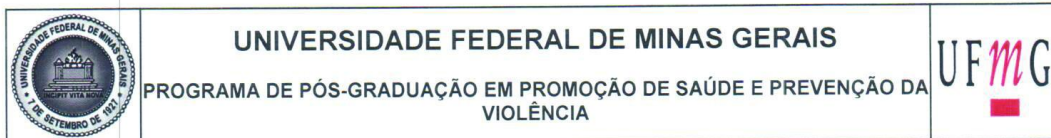
Nada, mas acredito que deveria ter feito algo

Nada, desconheço o assunto

Você acha que é possível resolver esse tipo de problema?

Sim Não Não sei

ANEXO B- Ata de defesa



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO CLAUDIO JUNIO PATRICIO - 2011715819

Realizou-se, no dia 21 de junho de 2013, às 14:00 horas, Faculdade de Medicina - sala 034, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *A VIOLÊNCIA POR TRÁS DA "BRINCADEIRA": um estudo quantitativo sobre o bullying entre estudantes de Belo Horizonte*, apresentada por CLAUDIO JUNIO PATRICIO, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Paulo Roberto Ceccarelli - Orientador (UFMG), Prof(a). Elza Machado de Melo (UFMG), Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha Grillo (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada
 Aprovada condicionalmente, sujeita a alterações, conforme folha de modificações, anexa
 Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 21 de junho de 2013.


Prof(a). Paulo Roberto Ceccarelli
Doutor - Université Paris Diderot


Prof(a). Elza Machado de Melo
Doutora - USP


Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha Grillo
Doutora - UFMG

APÊNDICE- Artigo publicado

Bullying e pós-modernidade: uma relação intrínseca (?)

Cláudio Júnio Patrício²

Paulo Roberto Ceccarelli³

Polêmica, v. 12, n.3 , julho/ agosto/ setembro de 2013

Resumo

O presente texto aborda a questão do fenômeno do *bullying* no contexto das relações na pós-modernidade e discute como as transformações na sociedade e, em especial, na instituição escolar vêm contribuindo para a efervescência de tal comportamento. A educação tornou-se mais um produto a ser comercializado pelo capitalismo. A concorrência e as leis do mercado fizeram com que a escola deixasse de ser o lugar do ensino cidadão, ou seja, de acesso a todos, do entendimento e aceitação da diversidade, para se transformar em uma versão do consumo. Por causa disso a escola vem perdendo uma das suas principais funções sociais: a de formar cidadãos. Pensadores contemporâneos tais como Zygmunt Bauman nos ajudam a tentar compreender um das grandes questões relacionadas ao *bullying*: por que nesta violência quer se eliminar o mais fraco e não o mais forte, como poderia se esperar? Individualismo exacerbado, dificuldades no estabelecimento de laços sociais, mercantilização da educação, incapacidade de alteridade são alguns dos elementos que podem favorecer com que práticas de exclusão e de não reconhecimento do outro, como é o caso do *bullying*, floresçam em nossas sociedades.

Palavras-chave

Bullying, declínio do patriarcado , instituição escolar ,pós-modernidade.

² Psicólogo. Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais.

³ Psicólogo; psicanalista; Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII; Pós-doutor por Paris VII; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais; Membro da Société de Psychanalyse Freudienne, Paris, França; Membro fundador da ONG TVer; Membro fundador da Rede Internacional em Psicopatologia Transcultural; Professor Adjunto III no Departamento de Psicologia da PUC-MG. Professor visitante da pós-graduação da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA, Recife/PE. Professor credenciado a dirigir pesquisas de pós-graduação, e pesquisador no Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental da Universidade Federal do Pará, em Belém. Pesquisador do CNPq. Belo Horizonte, Minas Gerais.

Summary

In this paper the authors discuss the bullying phenomenon in the context of postmodernity relations. They also examine in which way society changes, particularly at schools, contribute to the effervescence of such behaviour. Education has become just one more product to be marketed by capitalism. Competition and market forces have made schools ceased to be the place of citizen education, or access to everyone's understanding and acceptance of diversity, to turn into a version of consumption. Because of this the school has lost one of its main social functions: to educate citizens. Contemporary thinkers such as Zygmunt Bauman helps us try to understand one of the major issues related to bullying: why this violence wants to eliminate the weak and not the strong, as could be expected? Individualism exacerbated difficulties in establishing social ties, commodification of education, inability of otherness are some of the elements that can help with that exclusionary practices and non-recognition of the other, as in the case of bullying, flourish in our societies.

Key words: Bullying, postmodernity, the school, the decline of patriarchy. .

Introdução

Vivemos numa época de profundas transformações nas principais instituições de autoridade de nossa sociedade. A consolidação do capitalismo como modelo econômico predominante alterou significativamente as relações dos sujeitos uns com os outros. Com o desenvolvimento extraordinário dos meios de comunicação no último século, fenômenos até então desconhecidos ou tratados como banalidades ganharam destaque e repercussão nas grandes mídias. Assim com os casos de depressão nas últimas décadas do século XX, o mesmo processo parece estar acontecendo com o que vem sendo denominado de *bullying*. Estaríamos vivendo uma epidemia de *bullying* assim como, há alguns anos atrás, viveu-se uma "epidemia" de depressão?

A hostilidade entre alunos seguramente sempre existiu nas escolas desde o seu surgimento. Entretanto, é apenas nos últimos anos que o assunto vem ganhando visibilidade,

como também o estatuto de violência pelos pesquisadores e pela própria sociedade. Quais seriam os motivos históricos, sociais, culturais e econômicos que fizeram com que houvesse uma modificação do pensamento?

Bullying é um termo de origem inglesa advinda da palavra *bully* (valentão, briguento) e que até o momento não possui correspondente na língua portuguesa. O termo começou a ser utilizado em pesquisas norueguesas realizadas pelo pesquisador Dan Olweus, a partir da década de setenta, e hoje já é utilizado por dezenas de países, inclusive pelo Brasil (Antunes & Zuin, 2008). Olweus também utiliza a terminologia “abuso entre pares”, em alguns momentos, para descrever o mesmo fenômeno (Olweus, 1997).

Por *bullying* compreende-se uma ação intencional e repetida de intimidação, opressão, xingamento, chacota, agressões físicas e/ou verbais, sem motivações aparentes, causada por um ou mais estudante, que causa dor, angustia, exclusão, humilhação e discriminação à vítima (Malta *et al.*, 2010). O *bullying* é marcado por uma disparidade de poder entre vítima e agressor, sendo que este quase sempre possui vantagem física e numérica sobre aquele. Segundo Lopes Neto (2005, apud Antunes & Zuin, 2008) os autores de *bullying* têm, em sua maioria, dois objetivos: a demonstração de poder e a obtenção de afiliação a outros colegas.

Para Olweus (1997) o *bullying* constitui-se em uma subcategoria de agressão ou comportamento agressivo, caracterizado pela repetitividade e assimetria de forças. É um comportamento persistente e agressivo com a intenção de causar danos físicos ou moral em um ou mais estudantes que são mais fracos e incapazes de se defenderem. A provocação é repetida e tem um caráter degradante e ofensivo. É intencional, não provocado pela vítima e pode ser considerado como uma forma de abuso, que pode ser tanto físico como psicológico.

As expressões dessa violência podem tomar a forma de abuso físico, com a utilização de socos, chutes, empurrões, pontapés, roubo ou dano a pertences, ou verbais: apelidos, insultos, ofensas de cunho racistas, homofóbicas, de diferenças religiosas, econômico-sociais, culturais, dentre outros. Podem também assumir uma forma mais indireta, como a exclusão social e/ou isolamento (Bandeira & Hutz, 2010).

Uma das questões que faz do *bullying* um fenômeno tão peculiar é a de saber o porquê dos agressores (valentões) escolherem como vítimas aqueles que não oferecem resistência para se defenderem; aqueles que não aparentam ameaça para a sua suposta

supremacia (Pereira, 2012). No *bullying*, diferentemente de algumas outras violências, quer se eliminar o mais fraco e não o mais forte, como poderia se esperar.

Para que a prática do *bullying* ocorra, pelo menos três sujeitos são necessários no cenário da ação: a vítima, o agressor e a plateia (expectador). Segundo Pereira (2012), a plateia tem uma função fundamental no imaginário do cenário que produz o *bullying*: ela legitima a ação, pois a agressão precisa ser olhada e testemunhada, o que nos sugere uma dimensão voyerista da ação.

De acordo com Zaine, Reis & Padovani (2010) a plateia também serve como fonte de reforço para os autores do *bullying*, atribuindo-lhes status e poder. Estes expectadores, que constituem a plateia, tendem a não intervir em favor das vítimas por receio de retaliações ou com medo de serem eles as próximas vítimas, participando, assim, de forma passiva no *bullying*.

As vítimas muitas vezes são caracterizadas como sendo pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa autoestima, quietas e sem reação diante da agressividade sofrida (Francisco & Libório, 2009). Em geral, não apresentam a mesma força física que seus agressores. Assim como em outros tipos de violência, os meninos tendem a ser vítimas mais frequentemente do que as meninas (Fisher, 2010).

Os alvos do *bullying* geralmente não reagem à agressão, e não relatam o ocorrido aos adultos. Tal comportamento se deve à ameaça dos agressores, à vergonha, ou até mesmo à descrença de que alguém possa solucionar a situação. O silenciamento frente à agressão acaba estimulando a repetição da violência à medida que preserva os agressores.

Os agressores, assim como as vítimas, na maioria dos casos são meninos. Segundo Olweus (1997) o agressor tem sido considerado como um indivíduo procurando poder e liderança dentro do grupo de iguais. Lopes (2005) aponta que os agressores, frequentemente, veem sua agressividade como qualidade, têm opinião positivas sobre si mesmos e geralmente são bem aceitos pelos colegas. Outros estudos sugerem que os agressores apresentam uma tendência maior para comportamentos de riscos, tais como, o consumo de álcool ou outras drogas, e porte de armas (Bandeira & Hutz, 2010). Enfim, como vimos, não existe um "perfil típico" do agressor.

Estaria a nossa sociedade atual, de certa forma, estimulando a maior ocorrência de tal comportamento entre os seus indivíduos?

A Pós-modernidade e o *bullying*

A contemporaneidade é caracterizada por relações efêmeras, pelo niilismo, pelo vazio, pelo nada, pela ausência de valores e de sentido para a vida. Na modernidade, o homem dirigiu sua atenção e libido particularmente para a Arte, para a História, e para o Desenvolvimento e para a Consciência Social, em busca de respostas que acolhessem sua angústia. Entretanto, o homem pós-moderno deu adeus a estas ilusões, já que não existe Céu nem sentido para a História (vida), o caminho foi entregar-se ao prazer, ao consumo e ao individualismo (Santos, 2004). O que era sólido na modernidade pouco a pouco foi se liquefazendo, tornando-se fluído, efêmero. Todo este processo de liquefação e efemeridade vivenciada em várias esferas da nossa sociedade pós-moderna fez com que o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) cunhasse o termo “modernidade líquida” para definir nosso atual momento. Antes de aprofundarmos sobre a pós-modernidade ou modernidade líquida é necessário fazermos uma pequena digressão histórica para compreendermos os caminhos que nos trouxeram até aqui.

A modernidade é deflagrada com a ruptura do Estado com a Religião. Tira-se Deus do centro do Universo e coloca a razão para substituí-lo: o homem científico matou Deus (Nietzsche, 2001). Os valores, que antes vinham do plano transcendental, agora são determinados pela vida terrena. As mudanças socioeconômicas do século XVII, o cartesianismo, o humanismo, o iluminismo e inúmeras outras fontes científicas e filosóficas dotaram o homem de força e sabedoria. Era o início da era marcada pela Razão. A razão, insígnia do homem econômico liberal moderno, tentou organizar um mundo ideal, lógico, racional e, principalmente, ordenado. A ordem juntamente com o uso da razão são as principais características da modernidade. A sociedade moderna deveria estar sobre o controle absoluto do Estado, os instintos e a vida cotidiana deveriam ser domados pelos mecanismos estatais de modo a controlar homens e mulheres para a boa ordem da civilização (“O que”..., 2012).

O ideal moderno perdurou até o século XX. A realidade sociopolítica nos países mostrou que a emancipação social da modernidade, no qual a ciência, a política e as artes

indicavam o caminho, revelou-se estéril. O conhecimento científico foi extremamente influenciado pelos

avanços tecnológicos, fazendo com que ele passasse a ser medido em termos de quantidade de informação (Ceccarelli, 2010). Outros fatos ocorridos durante o século XX colocaram os valores da modernidade em xeque. As duas guerras mundiais, inúmeras revoluções, as mortes em massa, os estragos ambientais, tudo isso fez com que a Razão fosse questionada. Pouco a pouco o homem moderno foi percebendo a dimensão imaginária da razão; que a ordem se transformava no caos e que o progresso, como estava acontecendo naquele momento, poderia culminar com o fim do mundo. É neste dilema existencial, onde o futuro é incerto e que o caos está instaurado, que germina a essência do homem pós-moderno.

Na pós-modernidade passa-se a questionar radicalmente as verdades determinadas pela modernidade, tais como a crença na razão, na capacidade da ciência em dar todas as respostas (Ceccarelli, 2010). O sujeito é tomado pelas incertezas e pelas inseguranças. A ordem que evitava o caos na modernidade foi rompida e com isso viver transformou-se numa grande imprevisibilidade. O homem pós-moderno caminha como se estivesse com os olhos vendados. Ele sabe de onde veio? Sabe para onde vai? Qual o sentido da existência?

A pós-modernidade provocou mudanças em vários seguimentos da sociedade, principalmente em suas instituições, como por exemplo, a família e a escola. A família burguesa, na qual os papéis paternos e maternos estavam bem delimitados, tinha como seu sustentáculo três pilares: a autoridade do marido, a submissão da mulher e a dependência dos filhos. O pai era o provedor, o intelecto da casa, a quem todos deviam obediência e respeito. À mãe cabia a função única de zelar pelo bem-estar das crianças, pois elas são os futuros herdeiros (Ceccarelli, 2007).

Os laços rígidos que compunham as relações entre os sujeitos pertencentes desta família começam a se tornar flexíveis no momento em que o Estado começa a ocupar-se das crianças. Tal atitude do Estado faz com que o poder paterno diminua, dando início ao declínio do patriarcado, fato este muitas vezes confundido com o declínio da função paterna (Ceccarelli, 2010). O homem, até então o senhor da casa e de tudo que nele contivesse (incluindo os filhos e a própria esposa), se vê diante de uma nova realidade. A mulher ganha voz e independência, os filhos ganham autonomia e começam a questionar a autoridade paterna e materna. Após séculos de inquestionável soberania, pela primeira vez na história

ocidental, o discurso dominante na sociedade é questionado, ameaçando tanto no plano privado quanto no público.

É neste cenário de profundas transformações sociais, de mobilidade das estruturas de poder, de rupturas de paradigmas preestabelecidos e de profundas incertezas que está inserido o homem pós-moderno. Na pós-modernidade, o sujeito sente-se ameaçado por tudo aquilo que é diferente, que foge ao padrão de referência ou que simplesmente possa ameaçar sua posição de poder. Tudo isso leva a uma perda das referências identificatórias constitutivas do Eu (Freud, 1923), fazendo com que o seu sentimento de identidade – uma construção imaginária - não se sustente mais. O aumento significativo da intolerância racial e religiosa durante a crise financeira europeia parece corroborar nossa teoria. A prática do *bullying*, acreditamos, se insere neste contexto de intolerâncias, de instabilidade do poder adquirido e de receio diante do novo, do diferente. No *bullying* combate-se justamente o insuportável da diferença; aquilo com que o individualismo contemporâneo não permite que o sujeito tenha contato. Tal como o retorno do reprimido, o desconhecido, o estranho (*Unheimlich*), no sentido utilizado por Freud (1919), torna-se uma ameaça que precisa ser combatida e eliminada: tenta-se excluir de fora, o que não pode ser excluído de dentro.

Zygmunt Bauman (1998) em “*O mal-estar da pós-modernidade*” nos traz elementos importantes que nos ajudará a pensar o *bullying* e, principalmente, a relação entre vítima e agressor.

Bauman faz uma distinção entre pureza e o seu contrário imediato, a impureza, na sociedade pós-moderna. Para ele a pureza está diretamente relacionada com uma questão de ordem, isto é, tudo que é puro encontra-se em seu justo lugar e em nenhum outro lugar. Os modelos de pureza, os padrões a serem conservados mudam de uma época para outra e entre as culturas, embora cada época e cada cultura tenham o seu modelo de pureza e certo padrão ideal a serem mantidos intactos e incólumes às disparidades. O oposto da pureza, o sujo, o imundo, são as coisas que estão “fora do lugar”. Entretanto, nada é puro ou sujo de forma intrínseca, tudo está relacionado com a localização, mas precisamente, com a localização na ordem de coisas idealizadas pelos que procuram a pureza. Assim como outros aspectos da modernidade líquida, as coisas que são “sujas” num contexto podem tornar-se puras exatamente se colocadas num outro lugar, e vice-versa.

Para Bauman (1998) o estranho é a síntese da sujeira em nossa sociedade. Assim como ela, ele desafia o propósito dos esforços de organização. O estranho despedaça a rocha sobre o qual repousa a segurança da vida. Ele é alguém que supostamente vem de longe; que não partilha as suposições locais e dessa forma acaba colocando em questão quase tudo o que parece ser inquestionável para os membros do grupo abordado. Segundo ele “todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável” (Bauman,p.27).

Na prática do *bullying* as vítimas podem ser consideradas “os estranhos” de Bauman. Por algum motivo aquele sujeito que é perseguido rompeu com a ordem pré-estabelecida naquela sociedade. A vítima, de alguma forma, está exalando incertezas naquele ambiente marcado por uma certeza idealizada, porém, completamente imaginária. E por gerar desordem está fazendo com que aquele espaço se torne impuro e com isso “prejudicial à saúde”. Por isso, todo esforço será empregado para banir a “sujeira” e, assim, retomar a ordem anterior. Para combater os estranhos e os diferentes, os sujeitos utilizam, segundo Bauman (1998) de duas estratégias: a primeira estratégia é a antropofágica, na qual se aniquila os estranhos devorando-os e transforma-os, depois, num tecido indistinguível do que já havia. Assim há um processo de assimilação que tem como uma das principais características tornar a diferença semelhante e abafar as distinções culturais ou linguísticas. No *bullying*, a vítima é perseguida e humilhada justamente para que ela anule, elimine aquela diferença que a diferencia do restante do grupo. A outra estratégia apontada por Bauman (1998) é a antropoêmica. Nela, o estranho é banido dos limites do mundo ordeiro e impedido de toda comunicação: é o processo de exclusão. Confinam-se os estranhos dentro de paredes visíveis dos guetos, ou atrás das invisíveis (Bauman, 1998). A exclusão é uma das principais marcas do *bullying*. A vítima não é considerada apta, pura o suficiente para pertencer determinado espaço ou frequentar certo grupo, e a exclusão é a forma mais eficiente de demonstrar isso a ela. Bauman aponta que quando nenhuma das duas estratégias de combate ao estranho funciona o recurso final é a destruição física dele. O suicídio das vítimas do *bullying* é o resultado extremo do processo de aniquilação do estranho na sociedade pós-moderna.

***Bullying* e a instituição escolar**

A escola, assim como a família, é o principal espaço de socialização e transmissão de conhecimento para crianças e adolescentes de todo o mundo. O Brasil já alcançou quase a universalização do ensino básico e fundamental em seus municípios, fazendo com que a

grande maioria das crianças e adolescente de zero a quatorze anos frequente os bancos escolares. A escola é, também, uma das grandes responsáveis pela consolidação e manutenção dos padrões ético-morais: ela não apenas constrói e/ou transmite um conhecimento, mas, igualmente, reproduz padrões sociais, perpetuando concepções e valores. Isto é, ela fabricaria sujeitos (seus corpos e identidades), legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulações (Junqueira, 2009).

Segundo Foucault (1987) os alunos são submetidos dentro das instituições escolares a uma pressão constante para que todos sigam um mesmo modelo e a partir desse modelo eles são obrigados à subordinação, à docilidade, a prática dos exercícios, dos deveres e de todas as partes da disciplina. Estabelece-se um sistema de igualdade formal que leva à homogeneidade entre os indivíduos, mas ao mesmo tempo introduz-se a gradação das diferenças individuais, permitindo a medição dos “desvios” em relação ao indivíduo-padrão proposto pela norma e tornando úteis as diferenças.

O ambiente escolar, ao mesmo tempo em que desenvolve a participação em comum na execução dos exercícios, cria a individualização, rompendo qualquer relação que não seja controlada pelo poder, ou ordenada de acordo com a hierarquia (Foucault, 1987). O aprendizado da competição é valorizado nas escolas, mesmo que os alunos não percebam isso (Guimarães, 2003).

De acordo com Guimarães (2003) os julgamentos morais que ocorrem nas escolas acabam por dividir os alunos em “bons” e “maus”. Tais julgamentos podem criar sentimentos de inferioridade em alguns e, em contra partida, outros podem acreditar que pertencem a uma elite e que por isso podem desprezar os que não pertencem a esta suposta elite. Para Ceccon *et al.* (1982) uma das finalidades das escolas seria a de formar uma minoria que mais tarde vai pensar, dirigir, planejar, dar ordem aos outros. Em contrapartida, existiria uma maioria que cumpriria as ordens e os planos feitos pelos donos do poder e do saber.

Guimarães (2003) propõe pensarmos três tipos distintos de escola: aquela idealizada por todos; a que a lei diz que existe e a escola que funciona na realidade. De acordo com esta autora, a escola idealizada funciona bem, oferece instrução e é garantia de melhora de vida a todos que passam por ela. Já perante lei, a escola que existe é democrática, aberta a todos, pois o ponto de partida e o percurso são iguais para todos, embora o sucesso seja uma

consequência da inteligência e do esforço de cada um. Entretanto, a realidade nos mostra que a escola está bem distante tanto da idealizada quanto da descrita na lei.

Ainda segundo Guimarães (2003) nosso modelo de educação vigente só educa e instrui uma minoria da população. O acesso à escola ainda não é igual para todos, sendo boa parte da população excluída de uma educação de qualidade. Outro problema apontado pela autora é que as escolas tratam da mesma maneira alunos que se encontram em situações desiguais, como uma forma de enaltecer a meritocracia. Neste modelo de tratamento quando há o fracasso escolar de um estudante o pensamento recorrente que se tem é que o fato ocorreu devido, principalmente, a uma suposta inferioridade cognitiva do aluno em relação aos outros, não se levando em consideração possíveis fatores externos que por ventura possam ter influenciado ao não êxito.

O atual modelo de educação faz com que muitos alunos sintam-se alheios ao ambiente escolar. Para muitos estudantes, a escola não tem a ver com suas vidas cotidianas (Ceccon *et al.*, 1982). Nela não há um espaço para seus problemas e preocupações. Há um sentimento de não pertencimento àquele espaço. Muitos não conseguem perceber o sentido nem a utilidade do que lhes é imposto. Os exercícios escolares, por exemplo, não trazem em si mesmo uma justificativa, restando ao aluno apenas uma aceitação passiva das obrigações escolares e o receio do castigo (Guimarães, 2003).

Como já o dissemos anteriormente, o fenômeno da violência na escola não é um algo novo. Há relatos de explosões em escolas que culminaram em prisões já no século XIX. O que está acontecendo atualmente são casos mais graves de violência tais como homicídios, estupros, e agressões com armas. Outro agravante é que os sujeitos envolvidos com atos de violência têm se apresentado cada vez mais jovens. Em alguns casos, professores do maternal já relatam casos de violência em crianças de quatro anos de idade (Charlot, 2002). A ideia de inocência atrelada à infância cada vez mais vem sendo questionada.

Como sabemos, a violência pode ser considerada como um sintoma, no sentido psicanalítico: a emergência de verdade que concerne ao gozo, é o que condensa verdade e gozo (Lacan, 1964/1988). Desta forma, a violência manifestaria aquilo que não funciona bem numa ordem estabelecida, aquilo que impede a intenção do prazer, ou melhor dizendo, que impede o princípio do prazer. As violências atuais, tais como o *bullying*, seriam então uma

expressão de que algo na ordem instituída pela atual civilização, no caso ordenado pelo sistema capitalista e seu mais gozar, não está funcionando adequadamente.

É neste cenário pouco democrático e de profundas exclusões no ambiente escolar, que está germinado as raízes do *bullying*. O modelo educacional atual não atende às necessidades da maioria da população, por ser pautado em valores e comportamentos da classe média, que mantém valores elitistas e discriminatórios. As escolas atuais estimulam a regra do cada um por si, da competição, privilegiando o esforço, o trabalho e o sucesso individuais. A ideia de solidariedade e ajuda mútua entre os alunos vem, a cada dia que passa, perdendo espaço (Guimarães, 2003). Neste contexto podemos pensar o *bullying* como uma reprodução pelos alunos daquilo que é vivenciado de forma macro por toda a sociedade. Na prática do *bullying* há uma tentativa de exclusão do mais fraco, do diferente, de tudo aquilo que foge ao padrão de normalidade, assim como acontece na sociedade de consumo, em geral.

Reflexões finais

O espaço escolar reproduz, de forma reduzida, conflitos e tensões presentes na sociedade. Com o avanço do capitalismo e as necessidades do mercado, a escola, ambiente principal da prática do *bullying* vem, gradativamente, perdendo a sua função primordial: o local de formar cidadãos. Hoje em dia foca-se em demasia nas necessidades de se apreender os conhecimentos técnicos das disciplinas com o intuito de obter, em última instância, uma vaga numa universidade pública: existe muita informação, mas pouca capacidade reflexiva. Podemos pensar que vivemos uma época na qual os estudantes são programados para reproduzir exatamente aquilo que foi aprendido. O aluno quer “passar” de ano e obter um diploma, aprender já não é mais uma obrigação para ele. Cada vez mais o espaço para reflexão e a discussão têm diminuído nos ambientes escolares. A escola, que deveria ser um lugar de aprendizado, tem se mostrado, cada vez mais, um espaço de aprisionamento e alienação; um espaço onde o subjetivo ganha importância em detrimento do coletivo.

A educação tornou-se mais um produto a ser comercializado pelo capitalismo. A concorrência e as leis do mercado fizeram com que a escola deixasse de ser o lugar do ensino cidadão, ou seja, de acesso a todos, do entendimento e aceitação da diversidade, para se transformar em uma versão do consumo. O conhecimento cada vez mais vem se transformando num bem a ser comercializado pela economia capitalista: pode-se tê-lo quem puder pagar, cada vez mais e mais caro, por ele, o que transforma as escolas em cúmplices de

um modelo segregador pautado pelos valores capitalistas. Poderíamos pensar que a violência crescente nas escolas brasileira, e na de outros países, é um reflexo direto deste modelo de educação?

No momento em que a instituição escola transforma-se numa empresa e a educação numa mercadoria, estas passam a ser regidas pelas leis rígidas e inflexíveis do mercado capitalista, leis estas onde apenas o mais forte pode e deve sobreviver. A princípio tendemos a pensar que apenas as escolas particulares estão neste jogo, entretanto, as escolas públicas no momento em que têm seus recursos liberados pelos municípios, estado ou governo federal apenas após ter alcançado determinados níveis de produtividade, também estão submetidas às regras acima citadas.

Temos por hipótese, que a alteração na função social da escola, de formar cidadãos capazes de analisar criticamente e modificar a sociedade se deve, em parte, ao do declínio do patriarcado, cujas origens são tributárias o momento sócio histórico no qual a figura paterna deixou de ser a referência única e exclusiva do ambiente familiar, e os movimentos feministas ganharam força. O pai, representante e detentor do poder, foi gradativamente cedendo espaço a uma paternidade mais ética, não tão hierarquizada (Ceccarelli, 2010b).

Juntamente com estas transformações na organização familiar, observou-se uma mudança de outra ordem: ocorreu uma (tentativa) de transferência de poderes para a escola. Esperava-se, e ainda se espera, que a escola substitua o lugar da educação primária, tradicionalmente delegada à família. Parece ter havido uma terceirização de autoridade, fazendo com que a escola deixasse de ser um espaço de referência ética-moral. As desavenças e brigas escolares, que há alguns anos atrás, eram resolvidas fora da escola: "depois da aula te pego lá fora"; hoje, o limite fora/dentro se desfez, fazendo com que "pegar lá fora" ou dentro da escola se tornasse a mesma coisa. A escola começou a ter que assumir responsabilidades que, a princípio, não era de sua incumbência e da qual não estava preparada para assumir. Com a transferência de determinado poder da família para a escola, houve espaço para que certa "desorientação" se instaurasse já que a Lei, mantenedora da ordem, estava fragmentada. É neste contexto instável que as violências nos ambientes escolares se acentuam e práticas, antes secundárias, começam a se reproduzir com maior frequência, como no caso do *bullying*.

Embora não se possa afirmar que estamos vivendo um "surto" de casos de *bullying*, já que as pesquisas sobre o tema são bastante recentes para tal inferência, as transformações

sociais que a sociedade ocidental vem sofrendo desde a metade do século passado têm alterado de forma significativa as formas de relacionamento entre os sujeitos. Individualismo exacerbado, dificuldades em estabelecer laços sociais, mercantilização da educação, incapacidade de alteridade, dentre outros, são elementos que acabaram por germinar um ambiente propício para que práticas de exclusão e de não reconhecimento do outro, como é o caso do *bullying*, florescessem em nossas sociedades.

Referências

Antunes, D.C.& Zuin, A.A.S. (2008) “Do *Bullying* ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação.” *Psicologia & Sociedade*; 20 (1), 33-42.

Bandeira, C.M. & Hutz, C.S. (2010) As implicações do *bullying* na autoestima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 14(1), 131-138.

Bauman, Zygmunt. (2001) *Modernidade Líquida*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama: revisão técnica Luiz Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1998) *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama: revisão técnica Luiz Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ceccarelli, P. R.(2010) A Nova Ordem Repressiva. *Psicologia Ciência e Profissão* 30 (4), 738-751

_____. (2010b) A patologização da normalidade. *Estudos de Psicanálise*, Aracajú, 33, 125-136

_____. (2007) Novas configurações familiares: mitos e verdades. In: *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 40(72), 89-102

- Ceccon, C. *et al.*(1982) *A vida na escola e a escola da vida*. Petrópolis: Vozes. 95p.
- Charlot, B.(2002) A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4,nº8,432-443
- Fischer, R.M. *et al.*(2010) *Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final* – São Paulo: CEATS/FIA
- Foucault, M.(1987) *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Trad. de Ligia M.Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes.
- Francisco, M. V.& Libório, R. M. C.(2009) Um Estudo sobre *Bullying* entre Escolares do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 200-207.
- Freud, S., (1919) *O Estranho*. *ESB*, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1923) *O ego e o id*. *ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1929) *O mal-estar na Civilização*. *ESB*, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Guimarães, A.M. (2003) *Vigilância, punição e depredação escolar*. (3ªed)..Campinas,SP:Papirus
- Junqueira, R.D. (2009) Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R.D (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

Lacan, J. (1966) O estágio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. *Escritos*: (pp 96-103), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998

_____. (1964). O sujeito e o outro (1). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 193-204). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Lopes, A. A. N.(2005). *Bullying* - Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172

Malta, D.C *et al.*(2010) *Bullying* nas escolas brasileiras resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(2), 3065-3076

Martins, M.J. (2009) *Maus tratos entre adolescentes na escola*.Ed Novembro.

Nietzsche, F. W. (2001) *Gaia Ciência*: São Paulo: Companhia das Letras

O que é pós-modernismo, modernidade tardia ou era do vazio. (2012) Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/6167586/O-que-e-posmodernidade-modernidade-tardia-ou-era-do-vazio> Acesso em: 01 de julho.2012

Olweus.D. (1997) Bully/Victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, nº 4,495-510

Pereira, M.R. (2012/agosto) O bullying existe? Ou, mais uma vez, “Bate-se numa criança”. Comunicação apresentada na mesa redonda *O bullying na escola e as respostas do Psicólogo*, na PUC- Betim.

Santos, J. F.(2004) *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, (Trabalho original publicado em 1986)

Sposito, M. P.(2001) Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.

Educação e pesquisa, 27(1), 87-103.

Zaine *et al.* (2010) Comportamentos de *bullying* e conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*

Campinas 27(3), 375-382

